

IX RAMS

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA

DE MATO GROSSO DO SUL



ANTROPOLOGIAS EMERGENTES: PERSPECTIVAS A PARTIR DO CENTRO-OESTE

Caderno de Resumos

Campo Grande, MS - Brasil - 12 á 15 de Setembro de 2023

ISSN 2236-3564



FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
MATO GROSSO DO SUL



IX RAMS

**REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA
DE MATO GROSSO DO SUL**



**ANTROPOLOGIAS EMERGENTES:
PERSPECTIVAS A PARTIR DO
CENTRO-OESTE**

12 a 15 de Setembro de 2023

<https://antropologiams.ufms.br>

ISSN 2236-3564



Reitor

Marcelo Augusto Santos Turine

Vice-Reitora

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítalo

Coordenadores

Flavia Freire Dalmaso

Ricardo Luiz Cruz

Antônio Hilário Aguilera Urquiza

Comissão Científica

Álvaro Banducci Júnior

Antônio Hilário Aguilera Urquiza

Asher Grochowalski Brum Pereira

Flavia Freire Dalmaso

Francesco Romizi

Guilherme Passamani Rodrigues

Mara Aline Ribeiro

Maria Raquel Duran

Priscila Lini

Ricardo Luiz Cruz



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL**

Comissão Organizadora

Ana Adelaide Ortega

Beatriz Silva Bogarim

David de França Brito

Evelyn de Souza Santiago Candido da Silva

Flavia Freire Dalmaso

Jhemerson da Silva e Neto

Larissa Emilia Monte Morandi

Leonardo Cristian Martins

Maiara Ricalde Machado Avanci

Manoel Pimenta de Paulo Neto

Mara Aline dos Santos Ribeiro

Maria Eduarda Rodrigues da Silva

Ricardo Luiz Cruz

Tatiane Aparecida Dreger de Souza Fernandes

Thaís Coelho Fernandes

Alunos/as do PPGAS/UFMS e da CISO/UFMS

Diagramação

Tatiane Aparecida Dreger de Souza Fernandes

Arte

Ana Adelaide Ortega

Realização

Universidade Federal de Mato grosso do Sul – UFMS

Promoção

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS/UFMS

Curso de Ciências Sociais – CISO/ FACH /UFMS

Apoio

Faculdade de Ciências Humanas - FACH

Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Esporte – PROECE - UFMS



Apresentação

O estado de Mato Grosso do Sul é fértil para a prática das Ciências Sociais, dentre elas, particularmente a Antropologia, considerando a situação de fronteira com a Bolívia e o Paraguai, as migrações, os povos indígenas, o Pantanal, os conflitos sociais, dentre outros. Essa condição proporcionou a realização da 1ª REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DE MATO GROSSO DO SUL.

A I RAMS aconteceu em setembro de 2008, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, com o tema “As fronteiras da prática antropológica em Mato Grosso do Sul”. A iniciativa para criação da reunião originou da necessidade de os/as profissionais da área no MS aprofundarem os estudos sobre a história da antropologia, assim como suas práticas e as possibilidades de organização no estado. O evento contou com a presença do Prof. Dr. Roque de Barros Laraia (UnB) e da Prof.^a Dra. Edir Pina de Barros (UFMT).

Em 2009 a Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD sediou a II RAMS, juntamente com o Congresso Internacional de Arqueologia, Etnologia e Etno-história de Mato Grosso do Sul. O Prof. Dr. João Pacheco de Oliveira (UFRJ/Museu Nacional), um dos maiores expoentes da Antropologia no Brasil, proferiu a palestra de abertura da Reunião. Nesse evento se iniciou a discussão de uma proposta de Associação de Antropologia no estado de Mato Grosso do Sul.

O tema e as discussões que a III RAMS – REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA no ano de 2011 propôs, a partir de um diálogo com outras áreas do saber e, especialmente, com a sociedade, permeou todo o evento. As palestras e grupos de trabalho apresentaram as problemáticas e a complexidade da sociedade contemporânea, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, os/as profissionais da antropologia procuram ampliar o foco de alcance da compreensão dos fenômenos socioculturais atuais. Os/as acadêmicos/as tiveram um espaço de reflexão sobre temas atuais da Antropologia, permitindo maior compreensão dos desafios que encontrarão pela frente. A participação do Prof. Dr. Antônio Carlos de Souza Lima (PPGAS/UFRJ/Museu Nacional) foi relevante para o sucesso do evento.

Em abril de 2013, no contexto da aprovação da Pós-graduação em Antropologia na UFGD, aconteceu IV RAMS, com a presença do Prof. Dr. Roque de Barros Laraia (UNB) e de professores/as antropólogos/as do Mato Grosso do Sul. O tema foi a celebração dos 50 anos da realização do trabalho de campo coordenado pelo Dr. Roberto Cardoso de Oliveira no MS, com um grupo de alunos/as, que seria a primeira turma de antropólogos/as formados/as pelo Museu Nacional.

No dia 12 de maio de 2015 realizou-se a V RAMS – REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DE MATO GROSSO DO SUL, na Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, na cidade de Dourados, durante a realização do III CIAEE – Congresso Internacional de Arqueologia, Etnologia e Etno-história de Mato Grosso do Sul. Foram convidados para presidir o evento o Prof.



Dr. Levi Marques Pereira (UFGD) e o Prof. Dr. Álvaro Baducci Jr. (UFMS), com ênfase na organização dos/as antropólogos/as de MS.

Entre os dias 5 a 8 de abril de 2017 ocorreu a VI RAMS, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, com o tema “Povos tradicionais na contemporaneidade – cosmologias e fronteiras”. Nessa versão teve como inovação a presença dos/as jovens antropólogos/as formados no Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFGD, trazendo para as mesas de debates a visibilidade das pesquisas em antropologia do estado. A Prof.^a Dra. Jane Felipe Beltrão (UFPA), foi a conferencista especialmente convidada.

Em outubro de 2019 a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS sediou a VII RAMS – REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DE MATO GROSSO DO SUL, com o tema “Diálogos Contemporâneos”. Nessa edição o Prof. Dr. Stephen Grant Baines (DAN/UnB) e o Prof. Dr. Ronaldo Romulo Machado (UNICAMP) abrilhantaram a RAMS, além da participação do/as antropólogos/as egressos do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFMS.

A VIII RAMS ocorreu em 2021 e foi realizada de forma remota/virtual. Teve como sede a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS e como temática “Antropologia e Adversidades: Desafios Contemporâneos”. O desafio para a Comissão Organizadora foi criar as condições para a realização de um evento on-line, respeitando as medidas de biossegurança recomendadas pela Organização Mundial da Saúde – OMS em meio à pandemia da covid-19 que assolou o mundo desde os primeiros meses de 2020.

A IX RAMS também teve como sede a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Foi realizada no campus de Campo Grande e teve como tema “Antropologias emergentes – perspectivas a partir do Centro-Oeste”. Seu desafio foi reunir, presencialmente, um público interessado em apresentar, refletir e discutir as mais distintas perspectivas que apontassem para o Centro-Oeste como novo espaço de diálogo com a produção antropológica contemporânea. Os textos aqui reunidos assinalam a riqueza e diversidade das apresentações e debates que aconteceram ao longo dos quatro dias do evento.

Prof. Dr. Ricardo Luiz Cruz
Coordenador da IX RAMS



Programação

12 DE SETEMBRO DE 2023

8h (horário oficial de MS) – Minicurso

19h (horário oficial de MS) – Conferência de abertura

Palestrante: Luciana de Oliveira Dias (UFG)

Mediação: Antônio Hilário Aguilera Urquiza (UFMS)

13 DE SETEMBRO DE 2023

8h (horário oficial de MS) – Minicurso

14h (horário oficial de MS) – Apresentação de GTs

18h (horário oficial de MS) – Mesa 1

Tema: Poder, direitos e diferenças no Centro-Oeste

Palestrante: Lauriene Seraguza Olegário e Souza (UFGD) e Guilherme Passamani (UFMS)

Mediação: Gabriela Santos Sartomen (UFMS)

14 DE SETEMBRO DE 2023

8h (horário oficial de MS) – Minicurso

14h (horário oficial de MS) – Apresentação de GTs

18h (horário oficial de MS) – Mesa 2

Tema: Espaços, conflitos e fronteiras no Centro-Oeste

Palestrantes: Sonia Regina Lourenço (UFMT) e Giovanni França Oliveira (UFGD)

Mediação: Álvaro Banducci Jr. (UFMS)

15 DE SETEMBRO DE 2023

8h (horário oficial de MS) Minicurso

14h (horário oficial de MS) Apresentação de GTs

18h (horário oficial de MS) Conferência de encerramento

Palestrante: Valdelice Veron (UnB)

Mediação: Maria Raquel Da Cruz Duram (UFMS)



SUMÁRIO

GT 1 PRÁTICAS INSUBMISSAS: FEMINISMOS E SUBVERSÕES À COLONIALIDADE

Enfretamento ao Patriarcado Pelas Brechas do Estado – Pontes Possíveis de Diálogos Entre Lélia Gonzalez e Rita Laura Segato..... 14

Gisely Theodoro de Alencar; Simone Becker

A Casa Grande e a Senzala Como Limites da Imaginação Política: subversão e indisciplina na operação historiográfica..... 15

Matheus Firmino Leite

Antropologia Decolonial e Mulherismo Africana: as mulheres pretas na África e na diáspora 16

Milena Oliveira da Silva

Estudo sobre movimento lésbico-feminista paraguaio: possibilidades historiográficas e etnográficas 17

Ludmila Muller

Críticas anti-colonialistas à saúde: modos de produção do cuidado com as prostitutas . 18

Gabriel Luis Pereira Nolasco; Carla Cristina de Souza; Anita Guazzelli Bernardes

Corpo-Território: Entre (Re)afirmações e Ressignificações 19

Ariele Dorneles dos Santos; Esmael Alves de Oliveira

Maternidade Universitária: Desafios, Resistências e Ações Institucionais na Perspectiva Feminista e Decolonial..... 20

Renata Figueiredo Silva

GT 2 RETOMANDO TERRITÓRIOS E MODOS DE EXISTIR: EXPERIMENTAÇÕES DE POVOS INDÍGENAS E COMUNIDADES TRADICIONAIS

“Índios” no topo: uma análise antropológica do álbum de um rapper terena da Reserva Indígena de Dourados 22

Hildyanne Teixeira Cruz; Giovanni Radaelli Cenci; Aline Castilho Crespe

Poke'exa Kopenoti: olhares sobre a Retomada Mãe Terra..... 23

Aila Villela Bolzan; Zanone Cristovão Rodrigues; Gêliane Flores



Brô MC's: juventude e liderança indígena	24
<i>Giovanni Radaelli Cenci; Aline Castilho Crespe</i>	
Traduções kaiowá sobre os <i>brancos</i> e para as relações com os <i>brancos</i>”	25
<i>Diógenes E. Cariaga</i>	
Cosmografia e Epicentros em Um Território Paí/Kaiowá.....	26
<i>Gustavo Costa do Carmo</i>	
Os Terena Diante De Promessas Ilusórias De Desenvolvimento No Decênio Final da Ditadura Civil-Militar	27
<i>Victor Ferri Mauro</i>	
A construção do “Kuña Reko” e seus efeitos nos processos de retomadas entre os Guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul	28
<i>Camila Rafaela Marques Moda; Clarice Cohn; Amanda Cristina Danaga</i>	
Distanciamento que produz “guacho”: Uma etnografia dos efeitos da extensão das medidas socioeducativas junto aos jovens indígenas em Dourados	29
<i>Tatiane Cristina França</i>	
Os Modos de Existir dos Guarani de Ocoy no Oeste do Paraná e a Retomada de Seus Afetos e Desafetos	30
<i>Rhuan Guilherme Tardo Ribeiro; Renato Souza da Cruz; Bruna Marques Duarte</i>	
Como os mortos (re)surgem: marcas do tempo sobre corpos-territórios e modos de existir a partir de um terreiro de candomblé na cidade de Dourados – MS	31
<i>Yuri Tomaz</i>	
A transformação na educação de meninas guarani e kaiowá.....	32
<i>Jacy Cariz Duarte Vera</i>	
GT 3 ANTROPOLOGIA E VIOLÊNCIA DE ESTADO – COMPREENDENDO AS DINÂMICAS SOCIOCULTURAIS, IMPACTOS E RESISTÊNCIAS	
Identidade, Corpo e Representação Indígena em Noticiários Regionais	34
<i>David de França Brito</i>	
Os Órfãos do Feminicídio no Âmbito da Antropologia Forense.....	35
<i>Bárbara Ferreira Ávila do Carmo; Priscilla Lini</i>	
As Formas de Violência Contra os Povos Indígenas no Mato Grosso do Sul	36



Elídio Vicente Pereira Neto

Escrevivência Transgressora: teorização crítica biográfica fronteiriça.....37

Dênis Angelo Ferraz; Marta Francisco de Oliveira

O Espetáculo no Caso do Maníaco da Cruz.....38

Iris Graziela Teles Machado; Asher Brum; Priscila Lini

Da Repúblicã ao Leviatã: Breves Considerações Acerca da Violência Estatal e Seus Impactos Sobre Os Povos Originários39

Marco Antônio Rodrigues

GT 4 DESAFIOS ANTROPOLÓGICOS DO PENSAR MEDIANTE AS COISAS

Pinturas e grafismos masculinos e femininos entre os *Ejiwajegi*.....41

Benilda Vergílio

O Novo Antropólogo: Uma Síntese Sobre o Método Etnográfico.....42

Ubiratan Borges Daniel; Priscila Lini

Lésse Orixá: reflexões antropológicas nas (mútuas) relações entre o ser humano e ser não humano presentes no candomblé43

Gabriel Pereira Garcia

Religiosidades: Corpo, Pessoa e Papéis Sociais entre os terenas da Aldeia Buriti/MS44

Graziele Acçolini; Rafael Allen Gongalves Barboza

O disco voador do Morenã: Ufologia, identidade e cultura em Mato Grosso do Sul.....45

Leonardo Cristian Martins; Guilherme Rodrigues Passamani

Fora dos trilhos e depois que o trem passa: o tempo e espaço interconectáveis da arquitetura efêmera da Esplanada Ferroviária de Campo Grande – MS46

Larissa Emilia Monte Morandi

Recordar é preciso: escrevivência e etnografia na festividade de Iemanjá na cidade de Corumbá-MS47

Thaylla G. P. Silva; Álvaro Banducci Jr

Perda, Luto e Processos de Significação: As Despedidas de Poliana.....48

Liliana Simionatto; Priscila Lini.



GT 5 POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS: ESTRATÉGIAS DE ESISTÊNCIAS, MOBILIDADES E IDENTIDADES

Relações espirituais com o território – Uma análise antropológica sobre a importância dos rituais e das Nãndesy dentro do Oguatá Porã em MS..... 50

Thaís Coelho Fernandes

Interculturalidade, conhecimentos científicos e tradicionais na educação escolar indígena: diálogos possíveis 51

Daniella Corrêa Alvarenga; Maria do Socorro Vieira Coelho

O oguatá das mulheres Kaiowá..... 52

Camila Assad Catelan; Antônio Hilário Aguilera Urquiza

Os Kadiwéu e a antropologia: um ensaio sobre a arte das mulheres ceramistas e seu impacto nos estudos etnológicos 53

Flávia F. Dalmaso; Antônio Hilário Aguilera Urquiza

ÑE'Ë (palavra/alma): Um modo de produção, manutenção e conexão do território 54

Gileandro Barbosa Pedro

Qual o papel dos povos originários na universidade? 55

Joelma Boaventura da Silva; Antônio Hilário Aguilera Urquiza

Os Papéis Desempenhados Pelas Mulheres Líderes Entre os Kaiowá e Guarani 56

Maria Antônia de Oliveira Miranda; Antônio Hilário Aguilera Urquiza

Aldeia Mãe Terra: A Luta Pelo Território Tradicional dos Anos 70 Até os Dias Atuais de Uma Retomada Terena 57

Elvisclei Polidório

Educação Escolar Indígena Entre os Guarani e Kaiowá em Caarapó-MS: Demandas por Escola no Contexto da Agenda de Lutas 58

Jhemerson da Silva e Neto; Antônio Hilário Aguilera Urquiza; Harryson Júnio Lessa Gonçalves

Terras, moradores e moradoras da Terra Indígena Panambizinho e do Quilombo Dezidério no município de Dourados: símbolos centrais de resistência, mobilidade nas fronteiras e luta pelo território..... 59

Ester Silva



GT 6 ETNOGEOGRAFIA, RECONHECIMENTO E AFETIVIDADES NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO

Yuxú: Etnogeografia das Afetividades e Conflitos no Território Tradicional Terena61
Paulo Baltazar; Celma Francelino Fialho

Topós Alegórico: Lugares Amorfos62
Jade Chaia

Territorialidade e Tradicionalidade Ribeirinha: olhares sobre o desenvolvimento histórico e cultural na comunidade Passo Do Lontra – Corumbá-MS.....63
Eduardo Gomes da Costa; Thiago Araujo Santos

“O rio pra mim é tudo, o rio é a minha vida”: e se o rio secar, como será a vida dos embarcados?!64
Tatiane Aparecida Dreger de S. Fernandes; Ricardo Luiz Cruz

Desinformação e Pandemia: relato de uma trabalhadora da pesca no Pantanal Sul65
Ana Adelaide Ortega; Mara Aline Ribeiro

Tempo de oxigenação: explorando a alteridade nos estudos etnogeográficos66
Noah de Aguiar Pinho; Tatiane Aparecida Dreger de S. Fernandes

Afetividades e múltiplas territorialidades: uma etnogeografia da Comunidade Quilombola Tia Eva em Campo Grande – MS.....67
Gabriely de M. dos Santos; Tatiane Aparecida Dreger de S Fernandes

GT 7 ANTROPOLOGIA, GÊNERO E SEXUALIDADE: EXPERIMENTAÇÕES ETNOGRÁFICAS A PARTIR DO/NO CENTRO -OESTE DO BRASIL

A construção do “sonho policial”: discussões sobre a produção de masculinidades e desejo no currículo dos Canais de PM69
Alistair Burema

Pornografia, performance sexual e seus impactos: uma discussão antropológica sobre mulheres cisgênero70
Maiara Ricalde Machado Avanci; Josafá Barros Camargo Borges; Francesco Romizi

O Cuidado a Partir de Homens que Trabalham com Sexo: Reflexões Antropológicas Existencialistas71
Josafá Barros Camargo Borges



Pavilhão LGBTQIA+ e Feira Central: Usos transviados da cidade durante o Festival Campão Cultural	72
<i>Daniella Chagas Mesquita</i>	

Uma Análise Texto-Discursiva Sobre a Não-Binariedade e a Linguagem Neutra/Inclusiva de Gênero: Nos Debates Presentes nos Jornais de Circulação Nacional “Folha de São Paulo” e “O Globo”	73
<i>Vinícius Marques Fagundes Queiroz; Miguel Rodrigues de Sousa Neto</i>	

GT 8 PERSPECTIVAS ETNOGRÁFICAS SOBRE O TRABALHO E SEUS SENTIDOS

A Assistência Social aos Migrantes em Campo Grande (MS): agentes, práticas e representações a partir da Antropologia de Estado	75
<i>Alessandra Rossi Caceres Mendonça</i>	

Do Invisível ao Visível: O Mundo do Trabalho da Mulher Pantaneira	76
<i>Beatriz Silva Bogarim ; Mara Aline Ribeiro</i>	

A Construção Social do Turismo em Bonito-MS.....	77
<i>Marcelo Gil da Silva</i>	

Apresentação do projeto de mestrado “Do mate à maçã: a exploração do trabalho escravo dos kaiowa e guarani	78
<i>Carolina Falcão Motoki; Rosa Sebastiana Colman</i>	

Uma Etnografia Sobre o Uso de Mídias Digitais no Contexto Escolar	79
<i>Léia Rodrigues da Silva Queiroz; Carlos Eduardo Henning</i>	

Precarização estrutural docente no ensino integral	80
<i>Maria do Carmo Carneiro Rossatti</i>	

As práticas de regulação do Estado e a circulação de comerciantes e trabalhadores na Fronteira Paraguai-Brasil.....	81
<i>Pâmella Rani Epifânio Soares</i>	

O mundo do trabalho de manicures em Campo Grande/MS.....	82
<i>Brenda Agnes Domingues Vegini; Mara Aline Ribeiro</i>	

Um olhar antropológico sob o trabalho: precarização e covid-19	83
<i>Vitor Diego Gonçalves Forti</i>	

IX RAMS

**REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA
DE MATO GROSSO DO SUL**



“

**GT 1
PRÁTICAS INSUBMISSAS:
FEMINISMOS E SUBVERSÕES À
COLONIALIDADE**

”

**Coordenadoras:
Carla Cristina Souza (PPGPSI/UCDB)
Maria Eduarda Rodrigues da Silva (UFMS)**



ENFRENTAMENTO AO PATRIARCADO PELAS BRECHAS DO ESTADO – PONTES POSSÍVEIS DE DIÁLOGOS ENTRE LÉLIA GONZALEZ E RITA LAURA SEGATO

Gisely Theodoro de Alencar; Simone Becker

A violência do Estado é um dos efeitos dos pilares da colonialidade que se sustenta pelas interligações das categorias de opressão e que tem como alvo corpos sinalizados pelas categorias de gênero, raça, classe e etnia. Uma das óticas possíveis para a identificação dos efeitos da colonialidade patriarcal nos corpos subalternizados é a persistência da violência contra mulheres. Escrevendo na contramão do patriarcado, as autoras Lélia Gonzalez e Rita Laura Segato evidenciam movimentos de resistência ao colonialismo e produzem reflexões fundamentais para uma análise cultural que visa compreender a arena de disputas desigual pelo poder. Os trabalhos das autoras podem dialogar entre si no que tange concepções de gênero, colonialidade, cultura e patriarcado e como essas temáticas se entrelaçam na construção do Estado e seu padrão de opressão contra corpos marcados pelos papéis simbólicos de gênero.

PALAVRAS-CHAVES: Violência do Estado. Gênero. Corpos. Colonialidade.



A CASA GRANDE E A SENZALA COMO LIMITES DA IMAGINAÇÃO POLÍTICA: SUBVERSÃO E INDISCIPLINA NA OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA

Matheus Firmino Leite

Dialogando com Lélia Gonzalez (1983), Saidiya Hartman (2008) e Anne McClintock (2003) este artigo apresenta uma leitura de “Casa-grande e senzala” fazendo uso do potencial indisciplinado dos saberes feministas para compreender como Gilberto Freyre (2013) expôs alguns fundamentos violentos da sociedade colonial-moderna brasileira que não têm sido adequadamente explorados pelo cânone historiográfico brasileiro. Primeiramente, oferece breves comentários sobre as principais categorias do pensamento feminista que podem ser úteis para este empreendimento. Em seguida, analisamos os momentos textuais que estabeleceram os limites para a interpretação da experiência histórica brasileira na matriz de inteligibilidade cultural determinada pelo pensamento historiográfico de Gilberto Freyre. Neste sentido, são feitas algumas considerações sobre autoridade discursiva e invisibilização de experiências subalternas. Por fim, realiza algumas especulações sobre como a crítica feminista pode contribuir para uma escrita da história subversiva e indisciplinada. O trabalho busca evidenciar as consequências de uma historiografia firmada sobre feridas históricas e disputar novas formas de imaginar e narrar a história buscando desestabilizar regimes de verdade coloniais/modernos.

PALAVRAS-CHAVES: Feminismo. Historiografia. Casa Grande. Senzala.



ANTROPOLOGIA DECOLONIAL E MULHERISMO AFRICANA: AS MULHERES PRETAS NA ÁFRICA E NA DIÁSPORA

Milena Oliveira da Silva

Este artigo se refere a um breve panorama a partir de uma pesquisa bibliográfica sobre o Mulherismo Africana e o seu possível diálogo com a Antropologia Decolonial. Ele surgiu de uma inquietação subjetiva que me fez desenvolver um grande interesse em quer descobrir mais sobre a minha ancestralidade preta. No decorrer da minha graduação em Ciências Sociais, escolhi as teorias antropológicas como fundamento metodológico das minhas pesquisas, entretanto acabei me deparando com um dilema quando decidi unir meus interesses pessoais à pesquisa científica: Será mesmo que dentro de uma instituição de ensino eurocêntrica e partindo de uma disciplina que em seus primórdios legitimou e justificou por meio do racismo científico a inferioridade do povo de África e de suas diásporas, poderia agora no século XXI dialogar com uma perspectiva afrocêntrica e de afroperspectiva criada pelo e para o povo preto? O intuito desse artigo é fazer uma reflexão sobre a possível brecha que encontrei na academia científica ao estudo do Mulherismo Africana e de sua epistemologia afrocentrada, visando apresentar aqui também a possibilidade teórica trazida pela diáspora afro-americana ao campo de estudos científicos chamado Estudos Africana, com o objetivo de quebrar o etnocentrismo metodológico cunhado pela academia.

PALAVRAS-CHAVES: Mulheres Pretas. Decolonialidade. Mulherismo. Afroperspectiva.



ESTUDO SOBRE MOVIMENTO LÉSBICO-FEMINISTA PARAGUAIO: POSSIBILIDADES HISTORIOGRÁFICAS E ETNOGRÁFICAS

Ludmila Muller

Os trabalhos acadêmicos que apresentam discussões sobre história e memória das sexualidades dissidentes no Paraguai ainda se inserem em um campo incipiente, identificando, sobretudo, dados e trajetórias de homens gays e travestis durante a Ditadura de Alfredo Stroessner (1954 – 1989). A existência de mulheres lésbicas vem sendo totalmente invisibilizada, bem como suas lutas políticas e a repressões sofridas no período ditatorial. Curiosas de sua própria história, o primeiro coletivo lésbico-feminista do país, “Grupo por los derechos de las lesbianas – Aireana”, buscou em testemunhos seu lugar de pesquisa e registro. O artigo jornalístico “De toda la vida – Memorias de lesbianas en Paraguay” (2022), escrito em conjunto pelas integrantes da organização, apresentou trajetórias de mulheres que se relacionavam com outras mulheres entre as décadas de 1950 e 1990 no país. Este material exprime a intenção e o desejo desta coletividade para a construção e desenvolvimento de uma memória lésbica no Paraguai, além de demonstrar a grandiosa potencialidade e possibilidade de pesquisas historiográficas e etnográficas sobre o tema. A presente proposta busca dialogar sobre metodologias de pesquisa para pensar os movimentos feministas contemporâneos na América Latina, em especial a experiência da Aireana e de suas iniciativas de preservação de memória.

PALAVRAS-CHAVES: Mulheres Lésbicas. Feminismo. Historiografia. Paraguai.



CRÍTICAS ANTI-COLONIALISTAS À SAÚDE: MODOS DE PRODUÇÃO DO CUIDADO COM AS PROSTITUTAS

*Gabriel Luis Pereira Nolasco
Carla Cristina de Souza
Anita Guazzelli Bernardes*

O presente trabalho tem por objetivo refletir com algumas cenas em que nossos corpos de pesquisadoras(es), ativistas e operadoras(es) de políticas sociais se encontram com outros corpos de trabalhadoras sexuais. As cenas são produzidas no contexto de ações e serviços de prevenção combinada do hiv/aids, em Campo Grande-MS. As estratégias de promoção e prevenção à saúde, compreendidas como práticas de cuidado empreendidas pelas profissionais do sexo nos indicam outros itinerários de cuidado de si que ilustram uma crítica a lógica colonial-capitalísticas em que situam o dispositivo da aids. Os limites e urgências da políticas públicas em saúde, e às possibilidades do cuidado vão sendo necessárias e mesmo produzindo-se distintamente à depender do contexto em que ela ocorre, como na prostituição de ruas, bares, boates, casas de massagem. Isto posto, não há uma homogeneidade no trabalho sexual, bem como, quando acionada e em intersecção com os marcadores sociais de diferenças como raça/etnia, classe, geração entre outros, expõe contextos de maior vulnerabilidade e invisibilidades no campo social. Com isso, apostamos na importância da territorialização dos corpos – como efeito do lugar de corpo – e no exercício da escuta como tensionadores dos processos coloniais que não estão descolados do modo de fazer políticas sociais, em especial, as de saúde. Pensar com as perspectivas dos feminismos decoloniais, sobretudo neste contexto, transfeminismos e putafeminismos, nos conduziu a refletirmos sobre esses encontros desde outro lugar onde se exercita práticas e escutas anti-coloniais, de modo que pudemos tecer coletivamente críticas à institucionalização do estigma do trabalho sexual nos espaços do cuidado em saúde e sua compulsoriedade com as políticas de hiv.

PALAVRAS-CHAVES: Trabalho Sexual. Saúde. Transfeminismo. Putafeminismo.



CORPO-TERRITÓRIO: ENTRE (RE)AFORMAÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES

Ariele Dorneles dos Santos; Esmael Alves de Oliveira

O presente trabalho tem o intuito de pensar as experiências e vivências de pessoas travestis e transexuais em Campo Grande a partir de dois cenários distintos: Mister Trans, Miss Trans ambos do ano de 2019. A partir de uma etnografia realizada nesses diferentes momentos, busco refletir de que modo são construídas, performadas e agenciadas a identidade trans na capital do estado. Num cruzamento de trajetórias, narrativas e performances, produzidas em lugares e temporalidades distintas, mas em contexto parecido, busco a partir de meu lugar de pesquisadora e travesti, evidenciar os trânsitos, as fronteiras, os pontos de fuga, que viabilizam uma compreensão plural da experiência corporal das pessoas trans. Essa pesquisa parte do viés pós-estruturalista, principalmente a partir da ótica dos estudos queer, analisar as performances ressignificadas e/ou reafirmadas de pressupostos socioculturais de gênero, sexualidade e beleza que atravessam as pessoas trans.

PALAVRAS-CHAVES: Travestis. Transexuais. Gênero. Corpo-Território.



MATERNIDADE UNIVERSITÁRIA: DESAFIOS, RESISTÊNCIAS E AÇÕES INSTITUCIONAIS NA PERSPECTIVA FEMINISTA E DECOLONIAL

Renata Figueiredo Silva

O estudo investiga as experiências do maternar das mulheres no contexto universitário, com foco nas faculdades dentro da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). A hipótese inicial visa as estruturas patriarcais dentro e fora da universidade e como afetam especialmente a persistência e o desenvolvimento acadêmico das mulheres com filhos. O objetivo é analisar a presença de ações afirmativas ou políticas da educação superior para mães e compreender as trajetórias acadêmicas de mulheres com crianças de 4 meses a 12 anos, considerando sua classe, raça, deficiência, sexualidade e etariedade assim como a forma que enfrentam as dificuldades, resistências e demonstrando resiliência ao longo de seus cursos. No arcabouço teórico empírico, discutimos as formas como essas mulheres conciliam maternidade e academia, revelando as conexões entre as lógicas do capitalismo, patriarcado e dominação colonial, que sobrecarregam desigualmente as mulheres com a responsabilidade do cuidado infantil, examinamos como essas estruturas afetam a persistência e o desenvolvimento acadêmico dessas mulheres, por isso são empregados métodos quantitativos e qualitativos, incluindo entrevistas, grupos focais e análise de documentação. Os resultados preliminares destacam a necessidade urgente de discutir a maternidade como um fator de evasão universitária e a importância de ações institucionais para abordar essa questão, além disso, o estudo trabalha a interseccionalidade na experiência da maternidade, principalmente para as mulheres negras e indígenas no ambiente universitário, sendo analisados também as estratégias e políticas adotadas pela UFGD para apoiar a permanência dessas mulheres e como enfrentam o cotidiano para conciliar maternidade, vida acadêmica e vida social.

PALAVRAS-CHAVES: Maternidade Universitária. Resistências. Feminismo. Decolonial.

IX RAMS

**REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA
DE MATO GROSSO DO SUL**



“

**GT 2
RETOMANDO TERRITÓRIOS E MODOS
DE EXISTIR: EXPERIMENTAÇÕES DE
POVOS INDÍGENAS E COMUNIDADES
TRADICIONAIS**

**Coordenadoras:
Aline Crespe (UFGD)
Lauriene Seraguza (UFGD)**

”



“ÍNDIOS” NO TOPO: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DO ÁLBUM DE UM RAPPER TERENA DA RESERVA INDÍGENA DE DOURADOS

Hildyanne Teixeira Cruz

Giovanni Radaelli Cenci

Aline Castilho Crespe

Dourados, Mato Grosso do Sul abriga a Reserva Indígena de Dourados (RID), dividida em duas aldeias: a Jaguapirú e Bororó. Demarcada em 1917 pelo antigo Sistema de Proteção ao Índio, reúne indígenas das etnias Guarani, Kaiowá e Terena. Aos olhos estrangeiros a reserva é facilmente confundida com um bairro da cidade, ficando próxima, inclusive, de condomínios de luxo da região. Nesse contexto reside o terena Mario Adriano, 18 anos, que lançou seu primeiro álbum intitulado “*Índios no topo*”, no qual canta sobre os dilemas de um início de vida adulta sob a sua perspectiva enquanto jovem indígena que participa do movimento hip hop douradense e busca ascensão social através da música. A intenção do rapper é se colocar como espelho para jovens indígenas da RID que, conforme o mesmo, cresceram sem uma figura paterna como exemplo, e por isso sofrem influência do tráfico local que usam da violência como meio de obter dinheiro e acumular bens. Mario tenta mostrar um caminho alternativo e se apresenta como um espelho, como um jovem indígena que pretende ascender social e financeiramente através do próprio trabalho que faz no rap. Observamos que, mesmo sua intenção sendo cantar músicas sobre sua vida, por ser indígena, nas palavras do próprio rapper, “ninguém escolhe carregar herança do passado”, fazendo de sua música um protesto e uma forma de cura. Portanto, traz questões individuais que dialogam com demandas coletivas dos povos indígenas, que serão abordadas neste trabalho.

PALAVRAS-CHAVES: Terena. Rapper. Índios no Topo.



POKE'EXA KOPENOTI: OLHARES SOBRE A RETOMADA MÃE TERRA

Aila Villela Bolzan

Zanone Cristovão Rodrigues

Gêliane Flores

Retomar a Mãe Terra, Êno Poke' é, é mais do que simplesmente retomar um território. Não à toa, o nome escolhido pelo grupo de guerreiros e diplomatas Terena (Terenóe), Kinikinau (Koinukonôen) e aliados, reforça a vitalidade que o retorno à terra, assim como estar junto a uma mãe, podem proporcionar. Envolvidos em retomar e retornar aos seus territórios tradicionais nas abrangências do município de Miranda, TI Cachoeirinha, moradores da Retomada Mãe Terra vem experimentando há 17 anos modos singulares de se relacionar com o território, práticas agrícolas, artes e artesanatos, línguas maternas e escola multiétnica. Lideranças Terena da TI Cachoeirinha convidaram e acolheram na Retomada parentes Kinikinau que viviam em terras Kadiwéu, os quais passaram a compor a Vila São Miguel, interna à área. O convívio recente entre as famílias da Mãe Terra e adjacências reforça a importância de haver tanto autonomia quanto reciprocidade nas ações individuais e coletivas de seus moradores. Há um esforço cotidiano para compartilhar e transformar os múltiplos sentidos para estarem em co- vizinhança. A fim de iluminar os diferentes modos que a categoria retomada pode assumir, por meio de coautoria entre antropóloga – cujo campo etnográfico recente ocorreu nas configurações e adjacências da Mãe Terra, um Terena morador da Mãe Terra – professor e mestre em educação e uma moradora Kinikinau da vila São Miguel – graduada em letras e professora na TI Cachoeirinha, este trabalho pretende refletir e cruzar olhares acerca das experiências de se viver e também etnografar a Retomada Mãe Terra.

PALAVRAS-CHAVES: Êno Poke' é. Mãe Terra. Terena. Kinikinau.



BRÔ MC'S: JUVENTUDE E LIDERANÇA INDÍGENA

Giovanni Radaelli Cenci; Aline Castilho Crespe

A Reserva Indígena de Dourados, Mato Grosso do Sul, foi palco para o nascimento do primeiro e mais conhecido grupo de rap indígena do Brasil: os Brô MC's. Nativos da aldeia Bororó, os rappers guaranis e kaiowá denunciam em seus versos a violência cotidiana que percorre retomadas e reservas, além do esbulho de territórios pelo agronegócio, o racismo a que estão sujeitos na cidade, a repressão por parte do Estado e a intolerância religiosa dentro das comunidades. Combinando a estética do hip-hop urbano com vestimentas, grafismos e instrumentos tradicionalmente indígenas, os Brô MC's alavancaram carreira internacional após se apresentarem no Festival Rock in Rio 2022, carregando a tarefa de unir sua busca por influência e sucesso como artistas ao reconhecimento e respeito enquanto nativos perante os indígenas mais velhos. Neste trabalho, busco discutir, além dos aspectos citados acima, a investigação de uma terceira hipótese: o papel dos Brô MC's de influenciar jovens indígenas a trilhar o caminho do rap e do hip hop como modo de trazer transformações políticas e sociais às suas realidades, ao mesmo tempo valorizando as demandas e preservação dos modos de vida tradicionais, demonstrando assim sua importância enquanto uma geração que domina linguagens e tecnologias emergentes que reinventam a prática da palavra cantada, exercendo como jovens indígenas a função de mensageiros e sustentadores do conhecimento tradicional dos antigos, colocando-se como protagonistas de um modo próprio de fazer política, pelos indígenas, para os indígenas.

PALAVRA-CHAVE: Brô MC's. Rapper. Guaranis. Kaiowá.



TRADUÇÕES KAIOWÁ SOBRE OS *BRANCOS* E PARA AS RELAÇÕES COM OS *BRANCOS*

Diógenes E. Cariaga

Nesta comunicação pretendo estender algumas considerações produzidas em minha tese (Cariaga, 2019) sobre os modos da ação política entre os Kaiowá explorando o campo conceitual e relacional de suas teorias da alteridade. Para isto pretendo tecer comentários a partir de como nas teorias kaiowá sobre seus modos de existência (*ore reko*) sobre as conceituações a respeito de seus outros, entre ele os *brancos*. O uso aspeado para a palavra branco tem como intenção explorar etnograficamente os acontecimentos míticos e sociocosmológicos e seus efeitos sobre as transformações vivenciadas pelas famílias kaiowá diante da intensificação das relações com um de seus outros, os *brancos*.

PALAVRA-CHAVE: Kaiowá. Alteridade. Brancos.



COSMOGRAFIA E EPICENTROS EM UM TERRITÓRIO PAÍ/KAIWÁ

Gustavo Costa do Carmo

Cerro Marangatu é a forma como os Paĩ/ Kaiowá (tupi-guarani) se referem à porção sul da região da Serra de Maracaju, em uma área transfronteiriça entre o sudoeste de Mato Grosso do Sul, Brasil, e o Paraguai Oriental. Nessa grande área de forrageamento tradicional localizam-se atualmente as Terras Indígenas Pirakua, Ñande Ru Marangatu, Pysyry, Kokue'i, Tamanduary, Laranjal, Takuaju e Cerro'i. A partir da descrição de uma experiência etnográfica entre os Paĩ/ Kaiowá do *Cerro Marangatu*, procuro dar enfoque aos sentidos e perspectivas atribuídos aos epicentros sociocsmológicos presentes no território, enquanto elementos biológicos e minerais que, com sua zona de influência cosmopolítica espacial mais ampla, atraem os Paĩ/ Kaiowá por meio de uma circulação por esse território desde os tempos míticos até os dias em que vivemos hoje. O ponto de partida – para uma discussão simétrica entre as humanidades moleculares e intensivas do pensamento ameríndio – é que esses locais de formações naturais dispostas no território (serras, morros, matas, cavernas, depressões ou acidentes terrestres) são habitadas também por outras intencionalidades, não só os humanos com os quais convivemos e vemos, mas também os não humanos como os espíritos (de humanos), animais (ou espíritos de animais) e certas divindades (*jara*, xamãs celestes).

PALAVRA-CHAVE: Cosmografia. Cerro Marangatu. Paĩ/ Kaiowá. Cosmopolítica



OS TERENA DIANTE DE PROMESSAS ILUSÓRIAS DE DESENVOLVIMENTO NO DECÊNIO FINAL DA DITADURA CIVIL-MILITAR

Victor Ferri Mauro

Tendo por base informações coletadas em obras científicas, reportagens jornalísticas e documentos públicos, este trabalho analisa características dos chamados Projetos de Desenvolvimento Comunitário que a Fundação Nacional do Índio fomentou em reservas do povo Terena nas décadas de 1970 e 1980, as expectativas geradas entre as lideranças tribais e os resultados que foram alcançados até o final do período ditatorial. Anunciados com grande pompa pelo governo federal como solução que traria autonomia financeira para as aldeias, esses projetos incentivaram o direcionamento dos esforços comunitários para a produção comercial e pouco variada de gêneros agrícolas voltados para o mercado regional e a adoção de um pacote tecnológico que incluía maquinário, insumos químicos, sementes compradas e novas técnicas de produção. Autoridades governamentais alardeavam que os indígenas, adaptados a esse novo sistema, não tardariam a competir em paridade com produtores não índios e logo poderiam ser dispensados da tutela estatal e da assistência diferenciada que recebiam. Nesse processo de transição, pouco das práticas tradicionais da lavoura terena foi aproveitado e quem de fato tomava as decisões estratégicas eram os agentes do Estado. Verificou-se que após um curto período de expansão, esses projetos foram minguando ao serem paulatinamente negligenciados pelo poder público, redundando em aumentando da dependência econômica dos agricultores e na persistência da insegurança alimentar e da necessidade da venda da força de trabalho indígena para fazendas e usinas de modo a complementar a renda das famílias. Soma-se a isso os danos ambientais causados pelo desmatamento e pela reutilização intensiva do solo.

PALAVRA-CHAVE: Terenas. Ditadura Civil-Militar. Desenvolvimento.



A CONSTRUÇÃO DO “KUÑA REKO” E SEUS EFEITOS NOS PROCESSOS DE RETOMADAS ENTRE OS GUARANI E KAIOWÁ NO MATO GROSSO DO SUL

Camila Rafaela Marques Moda

Clarice Cohn

Amanda Cristina Danaga

Essa comunicação propõe debater algo que chama atenção entre os Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul, de que os gêneros feminino e masculino, além de possuírem em conjunto seus modos de vida Guarani, detêm também o “modo de ser mulher” (Kuña’reko⁴) e o “modo de ser homem” (Kuimbae’reko), constituindo uma singularidade entre o feminino e o masculino. O foco da pesquisa que embasa essa apresentação é a análise do modo como se deram esses processos, principalmente o kuña’reko, e com isso refletir acerca de um tema e de uma situação política fundamentais no que diz respeito a essa população que vive no estado de Mato Grosso do Sul, que são as lutas por suas terras. Juntos, homens e mulheres retomam suas terras, e o “modo de ser mulher” (kunã’reko) é fundamental para que essa sociabilidade retomada de terras entre eles aconteça de maneira significativa. O escopo desse projeto faz parte da minha pesquisa de mestrado em andamento, onde procuro compreender com maior profundidade os elementos que compõem o kuña’reko e como ele aparece nos mitos e nas histórias contadas pelas Kaiowá e Guarani, até as experiências mais recentes, com ênfase nas retomadas.

PALAVRA-CHAVE: Kuña’reko. Retomada. Guarani. Kaiowá.



DISTANCIAMENTO QUE PRODUZ “GUACHO”: UMA ETNOGRAFIA DOS EFEITOS DA EXTENSÃO DAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS JUNTO AOS JOVENS INDÍGENAS EM DOURADOS

Tatiane Cristina França

Esta pesquisa teve como objetivo analisar e discutir os impactos e formas de execução das medidas socioeducativas em meio aberto no formato de Liberdade Assistida (LA) e Prestação de Serviço Comunitário (PSC) pela política da assistência social e as violações de direitos sofridas pelos jovens indígenas Guarani e Kaiowá que passam pela intervenção do Estado. Neste contexto, pude explorar os diversos fatores que incidem sobre o impacto das medidas, como elas são refletidas pelos jovens e o reingresso à vida familiar e comunitária. Outros aspectos que merecerão destaque são as questões relacionadas a vida dentro das instituições e/ou empresas privadas onde realizam o cumprimento das medidas como também o preconceito da comunidade, para descrever o acompanhamento em Liberdade Assistida após a liberação da Unidade de Internação. Cabe ressaltar que estes jovens vivenciam desde sua infância violações de direitos decorrentes da ausência/insuficiência de renda, falta de acesso às políticas públicas e as consequências do crescimento demográfico das reservas criadas no início do século XX. Sendo assim as condições sociais desta população e o risco que estão sujeitos no cotidiano comportam um entendimento da realidade que nega sua existência como cidadão, onde os direitos elementares são negados e as violências estruturais são internalizadas em seus modos de vida.

PALAVRA-CHAVE: Guacho. Liberdade Assistida. Guarani. Kaiowá.



OS MODOS DE EXISTIR DOS GUARANI DE OCOY NO OESTE DO PARANÁ E A RETOMADA DE SEUS AFETOS E DESAFETOS

Rhuan Guilherme Tardo Ribeiro

Renato Souza da Cruz

Bruna Marques Duarte

A construção da hidrelétrica Itaipu Binacional, marcou a história do povo Guarani de Ocoy, no oeste do Paraná, e se insere na história nacional. O sucesso da implantação do projeto dependia da desocupação da área a ser alagada, além dos espaços de terras necessárias para a construção da infraestrutura, como rodovias, pontes, linhas de transmissão, canteiros de obras e alojamentos. Aquele momento foi um marco no processo histórico fundamentado em diferentes conflitos relacionados às terras ocupadas, demarcadas e reivindicadas por esses indígenas. Infelizmente, os inúmeros transtornos, parte do processo de assentamento provisório, que só aumentaram com o passar dos anos. Coagidas e sem muitas escolhas, as famílias tiveram que encontrar meios para dar continuidade à vida, à cultura e ao cultivo de seus alimentos. Muitos fugiram dali com medo dos “brancos”, não indígenas. Além disso, metade da área cedida para a comunidade ficou alagada, submersa com o fechamento das comportas, o que diminuiu o espaço para o cultivo e manejo da terra, o que agravou mais a situação. A comunidade ficou dividida pelas águas do lago de Itaipu, instalando de maneira forçada a aldeia em dois braços do reservatório, onde se encontram até hoje. Além de tudo isso, tinham que conviver com o preconceito dirigido a eles, sendo rotulados como mestiços, paraguaios, um povo que, por ter barba, não era considerado “índio”. Ou seja, reflexos do eurocentrismo e da supremacia baseada na hegemonia colonialista e em estereótipos imperavam ali.

PALAVRA-CHAVE: Guarani de Ocoy. Hidrelétrica de Itaipu. Oeste do Paraná



**COMO OS MORTOS (RE)SURGEM: MARCAS DO TEMPO SOBRE CORPOS-
TERRITÓRIOS E MODOS DE EXISTIR A PARTIR DE UM TERREIRO DE
CANDOMBLÉ NA CIDADE DE DOURADOS – MS**

Yuri Tomaz

Pensar modos de existir, é pensar cosmologias e as variantes envolvidas na produção de ontologias. Frente a este debate, este trabalho se interessa por uma descrição etnográfica, com tons cartográficos, de como candomblecistas (re)produzem essas agências {ontológicas} a partir de crenças e(m) cosmologias fundamentadas na eficácia, e existência, que seres mais-que-humanos aplicam sobre o que estarei a enunciar como “corpos-territórios”. Ao evocar Dourados, cidade localizada ao sul de Mato Grosso do Sul, como lugar em que o debate de “território(s)” sempre está envolto pelo agronegócio e disputas territoriais, procuro me ater a outras matizes sobre territórios e disputas, compreendendo o terreiro, que é um território que reitera disputas, e os corpos que o ocupam, como territórios polissêmico, remontando a ontologia e a agudização do modo de existir a partir de ancestrais, isto é, de mortos que (re)surgem e homologam tensões na noção ocidental de tempo, corpo (singularizado) e dualismo.

PALAVRA-CHAVE: Cosmologia. Território Polissêmicos. Corpos-Territórios.



A TRANSFORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE MENINAS GUARANI E KAIOWA

Jacy Cariz Duarte Vera

Neste texto pretendo abordar alguns aspectos sobre as mulheres de Yvykuarusu/Takuaraty e os conhecimentos tradicionais, carregados de histórias de seus antepassados, tema de minha dissertação de mestrado em elaboração no PPGANT/UFGD. Atualmente percebo muitas preocupações com a geração atual na sociedade indígena e a necessidade de retomada dos saberes indígenas, pois, sem ter mais rituais religiosos nas comunidades e o desinteresse em conhecer os remédios tradicionais da cultura, está afetando as crianças principalmente na educação e na sua saúde corporal, espiritual e mentalmente. Os resultados de minha pesquisa apontam para a transformação na educação da menina, moça, mulher, o processo depende de como foi a criação delas nas famílias, tudo isso refletirá no sucesso que ela vai ter no seu casamento, como mãe, uma liderança, de saúde, e que no presente poderá estar repassando seu conhecimento para seus filhos e filhas. Então a formação dela é muito importante, desde sua primeira menstruação, até que aprenda como deve se cuidar, como deve se comportar na sociedade, principalmente obedecer a seus pais.

PALAVRAS-CHAVES: Educação. Menina. Guarani. Kaiowa

IX RAMS

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA

DE MATO GROSSO DO SUL



“

GT 3
ANTROPOLOGIA E VIOLÊNCIA DE ESTADO:
COMPREENDENDO AS DINÂMICAS
SOCIOCULTURAIS, IMPACTOS E
RESISTÊNCIAS

Coordenadores:
Priscila Lini (UFMS)
Asher Brum (UFMS)
Oclécio Cabral (UFMS)

”



IDENTIDADE, CORPO E REPRESENTAÇÃO INDÍGENA EM NOTICIÁRIOS REGIONAIS

David de França Brito

O presente artigo tem como centralidade uma análise descritiva e reflexiva de reportagens em jornais locais, com enfoque em um caso noticiado entre os dias vinte e um e vinte e dois de junho do ano de dois mil e vinte e três, encontrado através do marcador de busca: indígenas, em um recorte de tempo delimitado, com curadoria voltada as reportagens sobre morte indígena. As questões que permeiam tal análise estão em torno das identificações que tem os indígenas nas reportagens observadas, considerando a organização e a posse do discurso, sua adjetivação e a construção de uma narrativa jornalística coletiva. Entre os problemas abordados estão essa imagem que representa os sujeitos indígenas e seus corpos em narrativas jornalísticas, portanto sociais. Tem como metodologia uma análise descritiva e reflexiva sobre materiais digitais, numa interlocução entre reportagens jornalísticas sobre uma denúncia de negligência, considerando as identificações presentes nas reportagens da narrativa. Torna-se assim, uma observação descritiva que busca trazer essa estruturação e construção das reportagens analisadas, percebendo as identificações e pressupostos.

PALAVRAS-CHAVES: Representação Indígena. Identidade. Corpo. Reportagem.



OS ÓRFÃOS DO FEMINICÍDIO NO ÂMBITO DA ANTROPOLOGIA FORENSE

Bárbara Ferreira Ávila do Carmo; Priscilla Lini

O feminicídio é um crime cotidiano no Brasil, fruto de um patriarcado arraigado em nossa história marcada pelo colonialismo. Crime que deixa centenas de órfãos negligenciados pelo Estado ano após ano, que resultam em inúmeros problemas sociais, inclusive na reverberação da prática de violência doméstica por estes órfãos. Esta pesquisa ainda em andamento, tem por objetivo buscar ferramentas para a redução dos índices de feminicídio. A partir disso, realizou-se uma análise bibliográfica, de maneira especial o “Modelo de protocolo latino-americano de investigação das mortes violentas de mulheres por razões de gênero (femicídio/feminicídio)”, desenvolvido em 2014 pela ONU Mulheres e as cartilhas do o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, conforme os documentos: “A ciência forense e a ação humanitária”, abril de 2014 e “Saúde mental e apoio psicossocial”, fevereiro de 2017. Os dados analisados apontam que a ciência da antropologia forense propõe ferramentas para redução dos índices de criminalidade com a punibilidade dos crimes através da condução ideal das ações penais e além de cuidados e atenção especial a saúde psicoemocional das vítimas desse tipo de crime, em especial os órfãos.

PALAVRAS-CHAVES: Feminicídio. Femicídio. Órfãos. Antropologia Forense.



AS FORMAS DE VIOLÊNCIA CONTRA OS POVOS INDÍGENAS NO MATO GROSSO DO SUL

Elídio Vicente Pereira Neto

O presente artigo realizará a tentativa de exercer uma certa reflexão no que diz respeito aos crimes e mortes relacionadas aos povos indígenas no estado do Mato Grosso do Sul. O artigo será dividido em três partes: a primeira, remete as constantes batalhas em que os povos indígenas têm que travar contra produtores rurais e fazendeiros, havendo casos até mesmo de assassinatos. Na segunda parte traremos à tona os casos de morte originados pelo suicídio nos povos indígenas Kaiowá. Por fim na terceira parte, a discussão se dá na relação da mídia com os casos de crimes envolvendo os povos indígenas no estado do Mato Grosso do Sul.

PALAVRAS-CHAVES: Kaiowá. Violência. Mato Grosso do Sul.



ESCREVIVÊNCIA TRANSGRESSORA: TEORIZAÇÃO CRÍTICA BIOGRÁFICA FRONTEIRIÇA

Dênis Angelo Ferraz; Marta Francisco de Oliveira

Com este trabalho, (recorte de pesquisa do mestrado em estudos e linguagens) visamos erigir uma reflexão pautada na crítica biográfica fronteiriça para pensar a realidade de milhões de corpos fronteiriços, que se levantam/insurgem para assim buscarem *re-existir*, em uma opção que se configura como alternativa ao pensamento hegemônico. Nesse intento, optamos por leituras de cunho descolonial, com base na ideia de transgressão como forma de expressão, erigida a partir de corpos insurgentes, questionadores, que acabam por serem considerados como corpos inconvenientes. Visto que, para nós, homens e mulheres de pele preta, desde o sequestro de nossos antepassados do continente africano, se instaurou o processo genocida que se deu a partir da escravidão e que se propaga até os dias atuais, historicamente, a transgressão, advinda de transgredir a um estatuto de violência, que nos aponta como negros do cão, maus, ou mesmo como bandidos, pode até ser entendido como uma infração. Porém, transgredir tem sido a única alternativa de resistência em prol de uma vida minimamente digna. Tal concepção, a qual intitulo de *escrevivência* transgressora, se configura como ato insurgente, fazendo coincidir o pensamento teórico e a prática da pesquisa, como mimetização de conteúdo e forma. Isso é caracterizado, nessa reflexão, pelo processo que vai do silenciamento ao grito, orientado por Walsh, Mignolo, Santos. Equivalente à ideia de que aprender a teorizar para *des-teorizar* para assim *re-teorizar*, implica dizer que, dessa forma, ressalta-se a busca de uma teorização não mais submissa ao norte global e suas imposições.

PALAVRAS-CHAVES: Fronteira. Escrivivência Transgressora. Re-existir.



O ESPETÁCULO NO CASO DO MANÍACO DA CRUZ

Iris Graziela Teles Machado

Asher Brum

Priscila Lini

O presente artigo apresentará uma análise das notícias relacionadas ao caso do Maníaco da Cruz, fazendo um paralelo com a Morte e mídia: matar e morrer na sociedade do espetáculo e uma história da morte e da vida. Exageros do corpo, ascese e rituais de purificação. O corpo vivo, o corpo enfermo e o corpo morto. Buscando compreender como esse caso especificamente causou uma comoção por suas particularidades ritualísticas e pelo macabro, que causa fascínio e medo nas pessoas que tem acesso as notícias, mas que por algum motivo consomem esse tipo de noticiário sob o pretexto de uma falsa proteção. Utilizaremos a netnografia, para analisar as notícias e as narrativas jornalísticas presentes no trabalho, contemplando ainda os sites e canais no youtube que focam em casos criminais, usaremos uma perspectiva de Clifford Geertz nas descrições e nas análises de vídeo para entender os comportamentos corporais e de narrativa, utilizaremos Albert Piette.

PALAVRAS-CHAVES: Maníaco da Cruz. Crimes. Espetáculo. Netnografia.



DA REPÚBLICA AO LEVIATÃ: BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA ESTATAL E SEUS IMPACTOS SOBRE OS POVOS ORIGINÁRIOS

Marco Antônio Rodrigues

O presente trabalho tem por objetivo analisar algumas concepções sobre a tese de Trasímaco e a legitimidade da violência estatal contida na obra de Hobbes como fundamentos da ineficácia do Estado brasileiro em face de questões envolvendo povos originários. Atualmente verifica-se a tese do Marco Temporal, ainda pendente de julgamento pelo Supremo Tribunal Federal, cujos fundamentos estão apoiados em uma construção jurídica que ignorou as diversas nuances da sociedade, além de não observar o caráter pluralista da Constituição Federal de 1988, concorrendo para inúmeras violações contra os direitos dos povos indígenas. Aliado a esse fato, encontra-se o neoliberalismo e a vinculação do Estado ao poder econômico, contribuindo para um panorama de total insegurança jurídica e violência, consideradas válidas em diversos aspectos. Partindo-se da pesquisa exploratória, por meio de fontes bibliográficas, jurídicas e antropológicas, conclui-se que a disposição constitucional contida no artigo 231 acaba fragilizada a partir de estados de desvalor criados pela ambivalência da ordem normativa positivada e, portanto, legítima. Através do método indutivo, o trabalho buscará chegar ao resultado esperado.

PALAVRAS-CHAVES: Povos Originários. Violência Estatal. Marco Temporal.

IX RAMS

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA

DE MATO GROSSO DO SUL



“

GT 4 DESAFIOS ANTROPOLÓGICOS DO PENSAR MEDIANTE AS COISAS

Coordenadores:

Maria Raquel da Cruz Duran (UFMS)

Francesco Romizi (UFMS)

Álvaro Banducci Junior (UFMS)

”



PINTURAS E GRAFISMOS MASCULINOS E FEMININOS ENTRE OS *EJIWAJEGI*

Benilda Vergílio

O presente pré-projeto de pesquisa tem como objetivo entender quais são as pinturas e os grafismos pertencentes às mulheres e aos homens, no conjunto de desenhos tradicionalmente produzidos pelos *Ejiwajegi*, especialmente entre a população indígena da aldeia Alves de Barros (Porto Murtinho-MS). A partir desta proposta investigativa, pretendo compreender os tipos de materiais utilizados pelas pessoas, mulheres e homens, na realização destes desenhos, por exemplo, se existem cores e utensílios específicos de determinado gênero na comunidade. Como indígena deste povo, meu interesse está em esclarecer possíveis confusões no uso destes padrões e materiais, entre as mulheres e os homens, recorrentes na atualidade. Com este projeto espero contribuir para a continuidade deste saber em meu povo, seu fortalecimento nas aldeias e também produzir materiais didáticos que informem sobre essa temática às futuras gerações.

PALAVRAS CHAVES: Ejiwajegi. Aldeia Barros. Pinturas. Grafismos.



O NOVO ANTROPÓLOGO: UMA SÍNTESE SOBRE O MÉTODO ETNOGRÁFICO

Ubiratan Borges Daniel; Priscila Lini

Este artigo tem como objetivo, apresentar uma síntese do processo histórico evolutivo da construção da Ciência Antropológica, e do método que lhe conferiu autoridade científica o Método Etnográfico. Para isso iremos evidenciar, um breve panorama dos primórdios da Antropologia, seus principais atores e os impulsos que geraram as transformações para o desenvolvimento e o surgimento das primeiras Escolas Antropológicas. Seus principais expoentes como Edward Burnett Tylor, Franz Uri Boas e Bronisław Kasper Malinowski as principais obras e os seus impactos na Antropologia. Complementamos este Trabalho Científico, evidenciando a postura das Escolas Antropológicas mais recentes, que vem entregar, um novo modo de interpretação da sociedade, da Ciência Antropológica, de suas bases clássicas e a sua principal Metodologia.

PALAVRAS CHAVES: Etnografia. Método. Ciência Antropológica.



LÉSSE ORIXÁ: REFLEXÕES ANTROPOLÓGICAS NAS (MÚTUAS) RELAÇÕES ENTRE O SER HUMANO E SER NÃO-HUMANO PRESENTES NO CANDOMBLÉ

Gabriel Pereira Garcia

Na cultura afrodiaspórica presente na cosmogonia iorubana e perpetrada no candomblé, o conceito de axé como força imanente, ou seja, presente em tudo e de tudo condutor, coloca-nos a refletir sobre como seres tidos como não vivos, ao menos organicamente, passam a possuir identidade e influência no mundo material. Assim, propomos nesse trabalho analisar como, no candomblé, objetos e coisas passam a se tornar seres que integram a vida dos praticantes dessa religiosidade. Ao identificar o axé e, também os orixás que são emanados/materializados nesses “seres-coisas”, assim como também são nos humanos, cria-se um elo de mútua relação (e por que não origem?) entre o humano e não-humano. Como por exemplo, a quartinha com água no assentamento do orixá representa o próprio sujeito diante da sua divindade e que cria um dever de conduta. Portanto, com o diálogo entre a bibliografia antropológica e a análise da observação participante, poderemos entender como essa relação humano e “ser-coisa” integram-se e reverberam na própria constituição e concepção do(s) sujeito(s) que permeiam esse universo e que, ao ultrapassar o caráter simbólico, revela sua força ontológica.

PALAVRAS CHAVES: Candomblé. Afrodiaspórica. Axé. Lésse Orixá.



RELIGIOSIDADES: CORPO, PESSOA E PAPÉIS SOCIAIS ENTRE OS TERENA DA ALDEIA BURITI/MS

Graziele Acçolini; Rafael Allen Gonçalves Barboza

Este artigo pretende abordar aspectos que percorrem discussões sobre corpos, pessoas e papéis sociais entre os Terena, especialmente a comunidade da aldeia Buriti (T.I. Buriti, Dois Irmãos do Buriti/MS). Esse assunto emergiu a partir de uma pesquisa em cujo foco principal se centrava a Festa de São Sebastião, padroeiro de tal aldeia, a qual considera essa festa como uma ‘tradição’ que se iniciou por conta de uma promessa realizada na década de 1920, há quase cem anos, em meio a uma epidemia de febre amarela que assolou a região ocupada por essa sociedade indígena. O mote, para esse texto, é compreender a festa como um “drama social” nos termos de Victor W. Turner (2013), já que se trata de uma promessa que eclodiu em um momento de grande fragilidade para os Terena daquela região. Logo, a temática – corpo, pessoa e papéis sociais – aflorou e se tornou o centro desse artigo através da Festa de São Sebastião e do convívio intenso com os Terena da aldeia Buriti. Frente ao tema e à observação de aspectos socioculturais dessa sociedade, surgiu a intenção de dissertar sobre como os Terena de Buriti concebem as questões, as quais enfatizam o papel das mulheres, envolvendo religiosidades, cosmologia e organização social.

PALAVRAS CHAVES: Terena. Aldeia Buriti. Cosmologia. Religiosidade.



O DISCO VOADOR DO MORENÃO: UFOLOGIA, IDENTIDADE E CULTURA EM MATO GROSSO DO SUL

Leonardo Cristian Martins; Guilherme Rodrigues Passamani

No ano de 1982, durante uma partida de futebol entre Operário-MS e Vasco da Gama-RJ pela “Taça Ouro”, um objeto voador não identificado (OVNI) sobrevoou os céus de Campo Grande e foi visto por milhares de torcedores no estádio Pedro Pedrossian, o Morenã. Tal evento é tratado pelos ufólogos brasileiros como um dos maiores avistamentos coletivos de disco voador do mundo. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo compreender como se deu o “Caso Morenã” e quais desdobramentos desse evento para a cidade de Campo Grande e a ufologia. Para tal, pretende-se analisar o aparecimento do disco voador no estádio Morenã tendo como referência as características dos avistamentos de óvnis aceitos pela comunidade ufológica, além de discutir as bases da ufologia brasileira e sua divisão nos eixos científico e místico. Durante a realização do trabalho de campo, foram estabelecidas interlocuções com nove pessoas, sendo dois ufólogos de Alto Paraíso de Goiás, que contribuíram para o entendimento de como se estrutura a ufologia nacional, e sete moradores de Campo Grande, que presenciaram o evento de dentro e fora do estádio. Posteriormente, as interações com os colaboradores foram transcritas e analisadas utilizando os instrumentos metodológicos da Antropologia Social e áreas próximas em um diálogo profícuo. Deste modo, constatou-se que o evento ocorrido no Morenã possui aspectos que o qualificam perante a ufologia na categoria de avistamento coletivo de disco voador e que o acontecimento pode ter algum grau de influência no imaginário campo-grandense. Como se trata de uma pesquisa em andamento, esses resultados ainda são preliminares e carecem da análise final.

PALAVRAS CHAVES: Ufologia. Disco Voador. Identidade. Cultura.



**FORA DOS TRILHOS E DEPOIS QUE O TREM PASSA: O TEMPO E ESPAÇO
INTERCONECTÁVEIS DA ARQUITETURA EFÊMERA DA ESPLANADA
FERROVIÁRIA DE CAMPO GRANDE – MS**

Larissa Emilia Monte Morandi

O conceito “arquitetura efêmera” se cria no contexto da cidade como peça relevante na formação de identidade e memória coletiva de grupos urbanos, defendendo a ideia de que é possível construções de caráter temporário gerarem impacto social. Através de símbolos transitórios, utiliza-se de metodologia etnográfica na Esplanada Ferroviária de Campo Grande/MS – em meio ao significado de sua história de apogeu e declínio – como lugar cultural praticado. A supermodernidade e necessidade da aceleração urbana fazem com que as pessoas se adaptem a viver tão somente para atender demandas de trabalho e outras ocupações de imediatismos da vida moderna. O objetivo é justificar que na vida urbana andam não apenas homens e suas construções, mas também – e principalmente – sentimentos, lembranças, trocas e individualidades vividas, – até mesmo nas estruturas montadas/desmontadas no seio da cidade – que abrigam multidões diariamente -, mas não são alvo de permanência. Justifica-se de referenciais teóricos sobre cidades, não-lugares, memória da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, patrimônio e outros estudos envolvendo a antropologia urbana. A pesquisa prevê resultado na contribuição dos lugares antropológicos de que, ainda breves e passageiras, a arquitetura efêmera possibilita a construção da sociedade através de desejos; solidão; arte; expressão; movimento; e outras coisas interligadas aos espaços que sobreviverão na memória do indivíduo.

PALAVRAS CHAVES: Arquitetura Efêmera. Esplanada Rodoviária. Antropologia Urbana.



RECORDAR É PRECISO: ESCRIVÊNCIA E ETNOGRAFIA NA FESTIVIDADE DE IEMANJÁ NA CIDADE DE CORUMBÁ-MS

Thaylla G. P. Silva; Álvaro Banducci Jr

Esse trabalho faz parte da pesquisa de mestrado e tem como objetivo analisar as louvações para Iemanjá como um fenômeno religioso na cidade de Corumbá – MS sob a ótica da “*escrevivência*” conceito criado pela linguista e escritora afro-brasileira Conceição Evaristo para compreender as trajetórias históricas dos grupos e populações afro-brasileiras, unindo a escrita e a vivência. Portanto, pretende-se vincular metodologicamente a experiência etnográfica, *escrevivência* e religião, para abrangermos a importância e os significados das festividades para Iemanjá que ocorrem na cidade de Corumbá – MS durante o final do mês de dezembro. Por meio de conversas e do convívio com afro-religiosos da região que tinha por intuito obter informações sobre a festividade, foi necessário perpassar por vivências particularizadas de cada indivíduo para somente assim acessar memórias coletivas acerca das louvações para Iemanjá, compreendendo que através do diálogo o “objeto de pesquisa” em diversos momentos é colocado em segundo plano quando os interlocutores carregam e propagam suas angústias, necessidades, conflitos e alegrias através das memórias e recordações em suas narrativas. Portanto, a etnografia e a *escrevivência* por meio da interdisciplinaridade colaboram para compreensão das manifestações religiosas estabelecendo relações e afetos que atravessam e ultrapassam a matéria humana.

PALAVRAS CHAVES: Iemanjá. *Escrevivência*. Festividade. Corumbá – Ms.



PERDA, LUTO E PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO: AS DESPEDIDAS DE POLIANA

Liliana Simionatto; Priscila Lini

O fenômeno morte, embora muito recorrente, tem sido silenciado na medida em que os centros urbanos e a industrialização se desenvolveram. O presente artigo através da etnobiografia e pesquisas bibliográficas apresenta as narrativas de Poliana sobre suas experiências com o fenômeno morte. Buscando compreender esse fenômeno, seus ritos e suas significações, nos valem dos referenciais teóricos de Ariés, Bayard, Souza, Pinho, Kovács e Campos. O modo de tratar a morte com a urbanização e a industrialização sofreu grandes modificações, o que era natural se tornou interdito. Só a partir dos estudos da tanatologia foi possível a obtenção de respostas concretas sobre o fenômeno morte. Além disso, há uma grande necessidade de realizarmos a educação para a morte com o intuito de tratá-la de forma familiar (natural) e não exótica (selvagem).

PALAVRAS CHAVES: Morte. Luto. Perda. Despedidas de Poliana.

IX RAMS

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA

DE MATO GROSSO DO SUL



“

GT 5
POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS:
ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIAS,
MOBILIDADES E IDENTIDADES

Coordenadores:

Andréa Lúcia Cavararo Rodrigues (SUPDH/SEAD)

Antonio Hilário Aguilera Urquiza (UFMS)

Rosa Sebastiana Colman (UFGD)

”



**RELAÇÕES ESPIRITUAIS COM O TERRITÓRIO – UMA ANÁLISE
ANTROPOLÓGICA SOBRE A IMPORTÂNCIA DOS RITUAIS E DAS NÂNDESY
DENTRO DO OGUATÁ PORÃ EM MS**

Thaís Coelho Fernandes

O presente trabalho está inserido no projeto de pesquisa “NÂNDESY e o OGUATÁ PORÃ – estudo Antropológico das mulheres Kaiowá e Guaraní no contexto da mobilidade e fronteira”, e analisa as dinâmicas sociais que são próprias da região da fronteira Brasil/Paraguai, levando em consideração o fenômeno do Oguatá que é parte da identidade cultural dos povos Kaiowá e Guaraní em especial, as relações espirituais com o território. Trata-se de uma investigação acerca da importância dos rituais e das Nandesy dentro do Oguatá Porã, relacionando os fenômenos sociais e de gênero que envolvem as mulheres indígenas que são líderes espirituais, nas áreas de retomada e que nos últimos anos têm sido alvos constante da intolerância religiosa disseminada pelo crescimento das igrejas pentecostais em seus territórios devido as impunidades legitimadas pelo racismo institucional e estrutural ao qual estão submetidas não só as mulheres mas como toda a etnia dentro do estado de Mato Grosso do Sul. O trabalho termina por apontar as violências sofridas pelas rezadeiras e curandeiras ao longo dos anos de 2019 a 2022 relacionando antropológicos e políticos na interpretação dos fenômenos apresentados.

PALAVRAS-CHAVES: Mulheres. Nandesy. Ritual. Curandeiras.



INTERCULTURALIDADE, CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS E TRADICIONAIS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Daniella Corrêa Alvarenga; Maria do Socorro Vieira Coelho

A proposta em questão objetiva evidenciar os diálogos presentes e possíveis dentro das Educação Escolar Indígena e problematizar o debate e interações sobre interculturalidade, conhecimento científico e conhecimentos tradicionais na Educação Escolar Indígena, tendo como principais categorias de análise os conhecimentos científicos estabelecidos pela educação não-indígena, os conhecimentos tradicionais presentes nas comunidades e interculturalidade. O texto parte da dissertação de mestrado em linguística, intitulada “Um diagnóstico do ensino das línguas indígenas e português nas escolas Leonardo Crixí Apiaká, Juporijup e Krixí Barompô, na Terra Indígena Apiaká-kayabi, Juara – Mato Grosso”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso. O trabalho busca evidenciar os diferentes caminhos e diálogos entre os conhecimentos científicos e tradicionais e como essas múltiplas possibilidades vêm se construindo no contexto da Educação Escolar Indígena a partir da interculturalidade. Neste sentido, os povos indígenas estudados vêm construindo em suas escolas, práticas educativas em que sejam pautados os conhecimentos científicos ocidentais, considerados para estes, como relevantes em seus processos de emancipação e alteridade; assim como o fortalecimento de suas culturas, inserindo em seus currículos, os saberes tradicionais das etnias que habitam o território brasileiro.

PALAVRAS-CHAVES: Educação Indígena. Interculturalidade. Emancipação. Alteridade.



O OGUATÁ DAS MULHERES KAIOWÁ

Camila Assad Catelan; Antônio Hilário Aguilera Urquiza

O presente trabalho objetiva apresentar a narrativa de três mulheres lideranças da comunidade Kaiowá de Ñande Ru Marangatu acerca de suas trajetórias de vida utilizando-se da perspectiva do *oguatá*. Por meio da escuta dessas mulheres em campo, a categoria nativa que significa caminhada é utilizada na pesquisa com o sentido não somente de um percurso terrestre ou territorial, como também de uma caminhada no interior da existência, tratando da construção de suas histórias enquanto mulheres que percorreram diversos caminhos e trajetórias. Dessa forma, as reflexões territoriais também são acionadas, uma vez que mobilidade e espacialidade se tornam temas diretamente relacionados, salientando o aspecto relacional que os territórios Kaiowá pressupõem.

PALAVRAS-CHAVES: Mulheres Kaiowá. Oguatá. Ñande Ru Marangatu



OS KADIWÉU E A ANTROPOLOGIA: UM ENSAIO SOBRE A ARTE DAS MULHERES CERAMISTAS E SEU IMPACTO NOS ESTUDOS ETNOLÓGICOS

Flávia F. Dalmaso; Antônio Hilário Aguilera Urquiza

O presente texto está inserido em um contexto mais amplo do projeto “ceramistas” (Cerâmica indígena em Mato Grosso do Sul: arte, autonomia e inovação entre as mulheres Kinikinau, Terena e Kadiwéu), financiado pela Fundect/MS e parte dos resultados do Edital de “Pesquisador Visitante” (Edital Fundect chamada n. 23/2022). Trata-se de uma releitura acerca de como a Antropologia foi dialogando, ao longo do tempo, com a arte e a cultura material dessas mulheres, em particular, as Kadiwéu. A pesquisa foi basicamente bibliográfica, no sentido de revisitar desde os clássicos, até as publicações mais recentes acerca da temática. Registros sobre a produção indígena de cerâmica em Mato Grosso do Sul não são recentes. Sua confecção, bem como as pinturas que adornavam esses objetos teriam chamado a atenção do comerciante italiano Guido Boggiani quando este viveu entre os Kadiwéu no final do século XIX. Posteriormente, ao longo do século XX, dois renomados antropólogos, a saber, Claude Lévi-Strauss e Darcy Ribeiro, também fizeram uma série de apontamentos sobre as expressões artísticas Kadiwéu, incluindo os desenhos que imprimiam sobre as cerâmicas. Mais recentemente, outros autores e autoras seguiram os estudos acerca da arte ceramista e do grafismo praticado pelas mulheres Kadiwéu, elementos de continuidade e de inovação. Preliminarmente podemos inferir a singularidade da cultura material desta etnia, ao ponto de seguir despertando estudos antropológicos, vinculados aos seus significados e relações com outros elementos da cultura, como a mitologia, organização social e relações entre as parentelas.

PALAVRAS-CHAVES: Mulheres Ceramistas. Etnologia. Kadiwéu.



ÑE'Ë (PALAVRA/ALMA): UM MODO DE PRODUÇÃO, MANUTENÇÃO E CONEXÃO DO TERRITÓRIO

Gileandro Barbosa Pedro

Olhar para o passado é uma característica de grupos humanos como um exercício para entender as implicações do mesmo para o presente, torando-se necessário para produzir uma historicidade coerente e que possa expressar características específicas, singulares na atualidade, que possam ecoar no decorrer do futuro carregando consigo essas particularidades desenvolvidas no decorrer de uma determinada temporalidade, por um determinado grupo, “a história é concebida como conhecimento de experiências alheias”.

PALAVRAS-CHAVES: Território. Ñe'ë (Palavra/Alma). Historicidade.



QUAL O PAPEL DOS POVOS ORIGINÁRIOS NA UNIVERSIDADE?

Joelma Boaventura da Silva; Antônio Hilário Aguilera Urquiza

O trabalho incide sobre o ensino superior indígena e faz parte da pesquisa de doutorado, em desenvolvimento, intitulada “Povos Originários e universidade *multicampi*: vivências acadêmicas e processo de reterritorialização” junto ao Programa de Pós-graduação em Difusão do Conhecimento – PPGDC na Universidade Federal da Bahia – UFBA. A pesquisa estuda os discentes indígenas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e percebeu-se a necessidade de conhecer as universidades do Estado do Mato Grosso do Sul- MS, por ter a segunda maior população indígena do Brasil, o maior percentual de acadêmicos indígenas e sólido acolhimento aos mesmos há mais de vinte anos. Atualmente, no Brasil, são mais de quarenta e seis mil acadêmicos e quatrocentos docentes indígenas em atividade, daí a relevância e a importância do tema. Objetiva-se discutir o papel dos povos originários na universidade a partir das setes entrevistas realizadas em abril de 2023 com dois acadêmicos, um gestor e um docente da etnia terena, dois gestores e uma professora não indígenas. A abordagem é qualitativa, utilizando-se de revisão de literatura na área das Ciências Sociais e Humanas, especialmente, Sociologia, Direito e Educação e análise das entrevistas. Constatou-se que vários conceitos convergem das respostas dadas pelos entrevistados, tanto indígenas como não indígenas, possibilitando uma discussão interdisciplinar e decolonial da temática. Identificou-se uma trinca de termos a partir das análises feitas: Formação + reterritorialização + vivências, reiterando o foco da pesquisa de doutorado. Conclui-se que os desafios da presença indígena na universidade corroboram para a função social da última.

PALAVRAS-CHAVES: Povos Originários. Universidade. Decolonialidade. Reterritorialização.



OS PAPEIS DESEMPENHADOS PELAS MULHERES LÍDERES ENTRE OS KAIOWÁ E GUARANI

Maria Antônia de Oliveira Miranda; Antônio Hilário Aguilera Urquiza

O foco do trabalho é a análise das relações das mulheres líderes Kaiowá e Guarani, em contexto de mobilidade Oguatá Porã. Analiso seu papel de líder no fogo doméstico, com dialética de possíveis preconceitos, machismo, violência sexual e assédio. Com o objetivo de ressaltar a importância da elaboração de políticas públicas que garanta os direitos dessas mulheres mesmo em situação de fronteira, assim como a proteção às novas gerações. Através da pesquisa de campo investigar e dar voz a um grupo cultural, até os tempos atuais incompreendidos, subalternizados e colonizados em nossas maneiras de pensar o indigenismo brasileiro, suas afinidades territorial, ambiental e religiosas típicas do sul do Mato Grosso do Sul. E se tratando de um estado com dificuldade cultural de aceitação de suas raízes indígenas, e historicamente colocando à margem da violência nas fronteiras o povo kaiowá e Guarani, e os condicionando a conflitos com ruralistas por território. Quanto à metodologia, busquei nas últimas publicações da Grande Assembleia das Mulheres Kaiowá e Guarani – Kuñangue Aty Guasu, analisar suas propostas e a realidade como corpo-território. A importância da mulher kaiowá e Guarani para a manutenção cultural deste grupo, me aproximo do conceito de organização social da parentela, que é denominado fogo doméstico. Esse local será onde as famílias estabelecem seus laços consanguíneos e identidade, onde circula suas crenças espirituais e aprendizados; responsável na grande maioria pela mulher, o papel de organizar o centro desse fogo, em contexto de mobilidade e retomada.

PALAVRAS-CHAVES: Mulheres Líderes. Kaiowá. Guarani.



ALDEIA MÃE TERRA: A LUTA PELO TERRITÓRIO TRADICIONAL DOS ANOS 70 ATÉ OS DIAS ATUAIS DE UMA RETOMADA TERENA

Elvisclei Polidório

O tema do presente artigo é o processo de retomada da Aldeia Mãe Terra pelos Terena da região de Miranda–MS da TI Cachoeirinha, parte de um análise histórico bibliográfica do processo de ocupação e reconhecimento do território para entrevista com os integrantes da comunidade em questão. Tem como problemática a falta de demarcação física de um território que possui o reconhecimento pela FUNAI e tem portaria declaratória pelo Ministério da Justiça. O objetivo geral é o de conhecer a atualidade da Aldeia Mãe Terra, identificando através da história oral a memória da comunidade sobre o processo da luta. Os objetivos específicos estão em torno de uma revisão da literatura histórica da ocupação, combinada com os relatos contemporâneos sobre os eventos passados, avaliação da vida presente e expectativas da vida da comunidade no futuro. Usa como metodologia um levantamento bibliográfico combinado com entrevistas e relatos pessoais das experiências da retomada numa pesquisa qualitativa, baseada em uma observação participante. Justifica-se por ajudar a manter vivos os relatos dos anciões numa cultura de oralidade e pela importância de uma educação escolar indígena de nível superior para compreender a história do povo indígena Terena e conscientizar sobre as lutas atuais desse povo.

PALAVRAS-CHAVES: Aldeia Mãe Terra. Território. Retomada



EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA ENTRE OS GUARANI E KAIOWÁ EM CAARAPÓ-MS: DEMANDAS POR ESCOLA NO CONTEXTO DA AGENDA DE LUTAS

Jhemerson da Silva e Neto

Antônio Hilário Aguilera Urquiza

Harryson Júnio Lessa Gonçalves

O presente trabalho trata de apresentar o projeto de pesquisa de dissertação – em andamento – junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), o qual se inscreve no contexto das discussões acerca da interface entre Antropologia e Educação Escolar Indígena (EEI). Tem como objetivo propor uma etnografia na qual se possa interpretar os movimentos e tensionamentos que agem na construção da EEI enquanto educação diferenciada no âmbito da/na Escola Municipal Indígena *Ñandejara*, do povo *Guarani* e *Kaiowá*, no município de Caarapó-MS. Como perspectiva teórica, propõe uma interlocução entre autores(as) que (entre)tecem reflexões entre EEI a partir da Antropologia, bem como aspectos de uma fundamentação teórico-etnográfica. No que tange aos pressupostos metodológicos, propõe a etnografia como instrumento analítico, bem como a utilização de elementos próprios dessa abordagem, tais como: diário de campo, caderno de campo e observação participante, sendo está alinhada à perspectiva das afetações. Além disso, utilizar-se-á de questionários semiestruturados junto às conversas com lideranças, professores(as)-indígenas, anciões e outras pessoas da comunidade. Os resultados dessa pesquisa poderão apresentar possibilidades de contribuição no âmbito da EEI para o povo *Guarani* e *Kaiowá*, mais especificamente, uma vez que propor-se-á a investigar os efeitos da escola, seus processos de resignificação pelos povos indígenas, contribuindo em suas agendas de lutas, bem como compreender as demandas indígenas por escola(s) alinhadas aos seus projetos societários.

PALAVRAS-CHAVES: Educação Escolar Indígena. Guarani. Kaiowá. Escola



TERRAS, MORADORES E MORADORAS DA TERRA INDÍGENA PANAMBIZINHO E DO QUILOMBO DEZIDÉRIO NO MUNICÍPIO DE DOURADOS: SÍMBOLOS CENTRAIS DE RESISTÊNCIA, MOBILIDADE NAS FRONTEIRAS E LUTA PELO TERRITÓRIO

Ester Silva

O presente trabalho consiste em, através de relatos dos atores presentes nos processos históricos da luta em defesa do direito à terra, no Estado de Mato Grosso do Sul, perceber os conflitos étnicos e raciais que perpassam essas reivindicações. O estudo resgata o processo de ocupação desses espaços, onde busca compreender, as epistemologias envolvidas no mesmo e as formas alternativas de relações sociais que compõem a essência desse processo. Através do registro de visitas de campo, este trabalho apresenta às terras, os moradores e as moradoras da Terra Indígena Panambizinho e do Quilombo Dezidério no município de Dourados, como símbolos centrais de resistência nesta análise intercultural sobre mobilidade nas fronteiras e luta pelo território. Observou-se também como o avanço da luta pelo lugar de pertença, apenas pode ganhar efetividade, se considerado no sistema de organização social que se apresenta, uma paridade de interesses entre a sociedade civil e seus reconhecidos dirigentes. A metodologia utilizada envolveu pesquisa bibliográfica, e a escuta-ativa de lideranças das comunidades visitadas.

PALAVRAS-CHAVES: Terra Indígena Panambizinho. Quilombo Dezidério. Resistência. Mobilidade.

IX RAMS

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA

DE MATO GROSSO DO SUL



“

GT 6
ETNOGEOGRAFIA, RECONHECIMENTO E
AFETIVIDADES NO CENTRO-OESTE
BRASILEIRO

Coordenadores:

Paulo Baltazar (UFMS)

Tatiane Fernandes (UFMS)

Thaís Coelho Fernandes (UFMS)

”



YUXÚ: ETNOGEOGRAFIA DAS AFETIVIDADES E CONFLITOS NO TERRITÓRIO TRADICIONAL TERENA

Paulo Baltazar; Celma Francelino Fialho

O *Yûxu* que significa “Pilão” está localizado na divisa entre aldeia Ipegue e a divisa da então Fazenda Esperança, território tradicional Terena, que foi retomada no dia 30 de maio de 2013. O *Yûxu* é um lugar de memória e de afetividade que multiplica, que foi repassado de geração a geração entre os Terena moradores da aldeia Ipegue e da Colônia Nova, que estão ligados diretamente, indo além da toponímia de amor pelo lugar, de respeito com a água, com a mãe d’água, que se encontra no *Yûxu*. Mas a cosmovisão Terena em relação à natureza vai além do *Yûxu*, é mais ampla, pois não é qualquer natureza, mas local de moradia dos espíritos, do mito da água que está presente. Por isso, as crianças foram ensinadas, desde pequenas, a respeitar o *Yûxu*, não sendo permitido lavar as mãos, lavar o rosto, colocar o pé dentro dessa mina d’água. Um de nossos informantes em 2016, com 85 anos de idade falou que desde quando os seus avós chegaram à aldeia, o *Yûxu* já existia, inclusive sendo muito utilizado pela maioria dos moradores quando não tinha água encanada na aldeia. Isso significa dizer que *Yûxu* foi primordial para territorialização da aldeia Ipegue e, depois, a aldeia Colônia Nova, sendo a primeira um dos mais antigos aldeamentos, junto com aldeia Bananal, com ocupação que precede a Guerra da Tríplice Aliança. Com isso, a libertação e o sossego merecido do *Yûxu* vieram junto com a retomada da Fazenda Esperança, que é terra tradicional indígena, onde se pode observar que atualmente a água está jorrando forte, inclusive com lambaris, que voltaram ao leito do curso d’água, alimentando “açude velho” da aldeia Ipegue.

PALAVRAS-CHAVES: Yuxú. Aldeia Ipegue. Etnogeografia. Afetividade.



TOPÓS ALEGÓRICO: LUGARES AMORFOS

Jade Chaia

A presente proposta parte do tema da alegoria e da paisagem, em especial, a partir da análise benjaminiana sobre a alegoria e o drama trágico. É na alegoria que está impresso como um selo os elementos do lugar histórico, sem que necessariamente espelhem a sociedade; é o elemento constitutivo de como se compreende o mundo. É esse conteúdo histórico que está implicado na noção de paisagem. Uma paisagem que passa a ser apropriada pela alegoria. A paisagem seria uma forma de ordenação, limitação e aproximação da linguagem apreendida, de maneira a dar a ela maior proximidade com o mundo real. A natureza nessa relação é imediata e inexperenciável, é meramente passagem mediada e suprimida. Nessa perspectiva, o objetivo é analisar a noção de paisagem como sendo um construto de uma demanda do ser humano, mas para tal, é preciso, igualmente, articular a noção de alegoria, de modo a articular conceitualmente esses dois elementos chaves. Uma espécie de ordenamento do mundo condicionada a um elemento engana olho; um quadro de visão que recorta a natureza e põe em perspectiva em um quadro mental construído. Uma paisagem elaborada. Todo esse movimento direciona para o modo de compreender o território como nada mais do que uma paisagem investida, demarcada, marcado pelo olhar do proprietário e seus elementos de civilização. Uma territorialidade, que acaba por carregar construções mentais e visuais de ver, e orienta para um discurso cindido, para uma política da paisagem inteiramente comandada pela consideração dos lugares e das pessoas.

PALAVRAS-CHAVES: Paisagem. Lugares Amorfos. Alegoria.



“TERRITORIALIDADE E TRADICIONALIDADE RIBEIRINHA: OLHARES SOBRE O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO E CULTURAL NA COMUNIDADE PASSO DO LONTRA – CORÚMBA-MS”

Eduardo Gomes da Costa; Thiago Araujo Santos

No coração do Pantanal, região conhecida internacionalmente por sua expressiva beleza e desde 1993 Área Especial de Interesse Turístico (AEIT), está localizada a comunidade Passo do Lontra. No entroncamento da Estrada Parque Pantanal com o rio Miranda, nas proximidades da Base de Estudos do Pantanal (BEP) da UFMS. O presente trabalho busca analisar a formação histórica e o desenvolvimento cultural dos saberes dos habitantes da comunidade, levando em conta as formas de reprodução da vida e do trabalho no Passo do Lontra. Essa análise se baseia em uma revisão bibliográfica de trabalhos relacionados ao Passo do Lontra aliada a entrevistas realizadas com moradores da comunidade. Historicamente habitada pelos trabalhadores das fazendas de pecuária, na segunda metade do século XX com o acelerado desenvolvimento do capitalismo pós guerra, surge no Pantanal grande interesse turístico, assim, a partir da década de 1970 diversos hotéis e pousadas passam a se estabelecer na região. Encontram, então, mão de obra barata nos ribeirinhos, que apresentam uma condição de vida econômica e social precária, vivem em grande parte desassistidos de ações do Estado e tem sua subsistência e fonte de sobrevivência recursos extraídos do rio Miranda e sua biodiversidade, se tornando assim dependentes da atividade turística até os dias atuais. Observa-se que a “identidade ribeirinha” no Lontra se reproduz tanto através de uma posição geográfica: se viver na beira do rio, quanto da pesca e do trabalho relacionado ao rio, identificação essa carregada de saberes tradicionais que acabam apropriados pela atividade turística em prol do capital.

PALAVRAS-CHAVES: Territorialidade. Tradicionalidade Ribeirinha. Passo Do Lontra. Pantanal Sul.



“O RIO PRA MIM É TUDO, O RIO É A MINHA VIDA”: E SE O RIO SECAR, COMO SERÁ A VIDA DOS EMBARCADOS?!”

Tatiane Aparecida Dreger de S. Fernandes; Ricardo Luiz Cruz

Também conhecidos como piloteiros e piloteiras, os trabalhadores embarcados (pescadores, atendentes do turismo contemplativo e pesca desportiva) que reside na comunidade do Passo do Lontra, localizada em Corumbá-MS no Pantanal Sul-Mato-Grossense, têm o reconhecimento dessa atividade enraizado na esfera familiar. Influenciados por seus pais e avós (e em alguns casos por seus cônjuges), absorvem as disposições expostas a eles, assumindo a mesma função de seus familiares no contexto social. O objetivo desta pesquisa foi explorar as condições sociais destes trabalhadores, desde a incorporação dos seus hábitos até a formação enquanto embarcados, destacando os afetos, o sentimento de pertencimento ao meio, ao território, ao espaço e ao rio, além da precarização de suas funções. Para tal, utilizei a etnografia como método, devido às relações indissociáveis estabelecidas entre esses atores e o espaço que eles ocupam. Durante o campo, inicialmente muitos romantizaram a profissão enquanto embarcados, no entanto, à medida que ganhei espaço e confiança, os piloteiros e piloteiras revelaram gradualmente as dificuldades enfrentadas em suas vidas sociais e laborais, como por exemplo, ter que trabalhar como peões, cozinheiras/os, faxineiras/os em pousadas para complementar a renda devido à baixa demanda turista na localidade que é absorvida pelas pousadas da região. Essas revelações evidenciam a distribuição desigual de oportunidades e tipos de acessos que domina o Pantanal Sul, como também, que apesar destes trabalhadores ter profunda paixão pelo rio Miranda e reconhecer sua função laboral como legitimadora de suas identidades, não os isentam de sofrer os mesmos prejuízos causados pelo trabalho precarizado.

PALAVRAS-CHAVES: Trabalhadores Embarcados. Trabalho Precarizado. Passo do Lontra. Pantanal Sul.



DESINFORMAÇÃO E PANDEMIA: RELATO DE UMA TRABALHADORA DA PESCA NO PANTANAL SUL”

Ana Adelaide Ortega; Mara Aline Ribeiro

Nessa proposta serão apresentados os prejuízos causados pelas falsas informações no decorrer da pandemia e destaca a importância da conscientização da população por meio de informações relevantes. Esforços significativos foram realizados na área da saúde e políticas públicas para compartilhar informações corretas e educativas relacionadas à saúde, incluindo campanhas de combate, conscientização e prevenção de doenças. A grande maioria dos/as líderes mundiais, com exceção de representantes governamentais de extrema direita, como, por exemplo, o ex-presidente do Brasil Jair Bolsonaro, autoridades públicas e científicas se uniram para conscientizar a população sobre a gravidade da pandemia e reduzir a disseminação do vírus. No entanto, a imprensa enfrentou o desafio de desmentir as informações falsas, também conhecidas pela expressão na língua inglesa “*fake news*” sobre a vacinação, disseminadas por fontes não confiáveis devido à velocidade da transmissão de notícias pela internet. As mídias desempenham um papel crucial nesse contexto, mas também é necessário examinar o combate ao vírus em áreas não urbanas e entender como as políticas públicas são direcionadas à interlocutora. Considerando o contexto pandêmico, é fundamental analisar como diferentes segmentos da sociedade são afetados socialmente e quais recursos são utilizados na prevenção e conscientização da doença, levando em conta fatores socioeconômicos e de gênero. Promover o debate sobre os meios utilizados para conscientizar sobre a doença, considerando a experiência das trabalhadoras da pesca durante a pandemia, é pertinente, uma vez que muitas mulheres enfrentam dificuldades socioeconômicas decorrentes da pandemia e, conseqüentemente, a falta de informação sobre o combate à covid-19, resultando em uma nova perspectiva de mundo. Sendo assim, o objetivo do trabalho é analisar os elementos políticos no discurso negacionista da pandemia. Nesse estudo, os esforços foram concentrados nas comunidades ribeirinhas do Pantanal, particularmente nas trabalhadoras da pesca. A metodologia conta com entrevistas semiestruturadas e ferramentas etnográficas, bem como a forma com a qual as notícias verdadeiras e falsas sobre a covid-19 chegaram à região e, principalmente, como foram compreendidas e compartilhadas pela interlocutora. O referencial teórico se sustenta na antropologia, sobretudo, em estudos etnográficos.

PALAVRAS-CHAVES: Desinformação. Pandemia. Passo do Lontra. Pantanal Sul.



TEMPO DE OXIGENAÇÃO: EXPLORANDO A ALTERIDADE NOS ESTUDOS ETNOGEOGRÁFICOS”

Noah de Aguiar Pinho; Tatiane Aparecida Dreger de S. Fernandes

Pautados no método etnográfico, os estudos etnogeográficos desempenham um papel fundamental na compreensão dos desdobramentos humanos diante da ocupação do espaço, estabelecendo uma relação expansiva entre Geografia e Antropologia. Seu objetivo é enriquecer o valor simbólico, cultural e territorial, ao questionar os enviesamentos de poder que permeiam a epistemologia política. Infere-se que a dicotomia entre civilização e barbárie, herança da visão colonial, ainda persiste na contemporaneidade, com o binarismo metrópole *versus* periferia, perpetuando a marginalização das criações artísticas dos povos considerados “inferiores”, que precisam ser homogeneizados por trejeitos paternalistas, resultando na desvalorização da cultura simbólica e geográfica desses grupos. Logo, o objetivo deste trabalho, a partir de pesquisa bibliográfica, é analisar como a noção de alteridade contribui para o reconhecimento e entendimento de pessoas ou grupos, possibilitando questionamentos frente aos desequilíbrios de poder que historicamente têm impedido uma relação mais fluida entre as culturas e o espaço geográfico, cultural, simbólico e natural. Além disso, busca-se explorar como a afetividade é eminente para a manutenção dos estudos etnogeográficos. Para esse fim, o debate deste estudo partirá da concepção de que a valorização da alteridade possibilita o desmantelamento do binarismo opressor, abrindo espaço e oxigênio para o reconhecimento do Outro, que é detentor de oportunidades de trocas assimétricas e transformadoras, sendo um alter-ego que complementa o que não somos. Nesse sentido, a consideração da afetividade/alteridade viabiliza ampliar o campo de visão por meio de uma visada estrábica, que permite enxergar não apenas o Alheio, mas também a rua, a montanha, a planície, o mar e o além-mar e suas relações com o meio que ele ocupa.

PALAVRAS-CHAVES: Alteridade. Afetividade. Etnografia. Etnogeografia.



AFETIVIDADES E MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES: UMA ETNOGEOGRAFIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA TIA EVA EM CAMPO GRANDE – MS

Gabriely de M. dos Santos; Tatiane Aparecida Dreger de S. Fernandes

Localizada na cidade de Campo Grande – MS, a comunidade quilombola Tia Eva é marcada por diversos eventos que a transformam em um espaço profícuo de estudos etnográficos com ênfase na Etnogeografia. Fundada por Eva Maria de Jesus em 1905, mais conhecida como Tia Eva, foi uma mulher escravizada, benzedeira e parteira, que partiu do estado de Minas Gerais em busca de um Espaço que pudesse garantir moradia a ela e seus descendentes. O objetivo deste trabalho é evidenciar como a relação de Tia Eva com o seu meio foi capaz de consolidar a comunidade a partir das múltiplas territorialidades que fora construindo em sua jornada. Para tal, este trabalho utilizou-se do método etnográfico e etnogeográfico, através de conversas informais com moradores da referida comunidade. Como resultado, verificou-se que a relação afetiva entre a comunidade e seu meio deram origem a diversas memórias e significações, dentre elas diz respeito a como Tia Eva é reconhecida pela comunidade, ora como benzedeira e parteira, ora como ativista que lutou pela liberdade. O território ocupado também produz diversas significações, enquanto para a comunidade o espaço é visto como meio de garantir suas identidades, culturas e memórias, por outro lado, urge uma disputa imobiliária em torno deste grupo, sendo reconhecido como um território de lutas simbólicas.

PALAVRAS-CHAVES: Comunidade Tia Eva. Territorialidade. Etnogeografia. Afeto.

IX RAMS

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA
DE MATO GROSSO DO SUL



“

GT 7
ANTROPOLOGIA, GÊNERO E SEXUALIDADE:
EXPERIMENTAÇÕES ETNOGRÁFICAS A
PARTIR DO/NO CENTRO - OESTE DO BRASIL

Coordenadores:
Guilherme Passamani (UFMS)
Daniel Attianesi (UNESP)

”



A CONSTRUÇÃO DO “SONHO POLICIAL”: DISCUSSÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE MASCULINIDADES E DESEJO NO CURRÍCULO DOS CANAIS DE PM

Alistair Burema

Nos canais de PM, isso é, canais de autoria de policiais militares na plataforma YouTube, é vivenciado o policiamento extensivo pelas lentes dos policiais militares. Entre perseguições e ocorrências, é possível observar a formação e fortalecimento de desejos punitivistas, que culminam no sonho de tornar-se policial militar. Assim, esses canais são analisados, em uma leitura a partir dos estudos pós-críticos em Educação, como artefatos culturais, portadores de uma pedagogia, apoiada por um currículo cultural. A pesquisa, então, se trata de uma tentativa de compreender o que há de currículo-pedagógico nos canais de PM situados no estado de Mato Grosso do Sul, descrevendo sua ação como formadora de sujeitos. Para tal, foi realizada uma pesquisa qualitativa, com o emprego da etnografia on-line realizada na plataforma digital YouTube. Foram selecionados, em um processo de perambulação, 6 canais e, deles, 30 vídeos. Esta análise considera que através das práticas consequentes das configurações de certa dominação masculina surgem as masculinidades hegemônicas. Elas necessitam ser constantemente demonstradas e reforçadas, manifestando-se a partir da negação de certas qualidades, percebidas na observação da interação/comentários nos canais e do próprio conteúdo dos vídeos. Neste sentido, ser homem policial militar torna-se não ser bandido dentro de uma dicotomia policial-criminosa fabricada. No mesmo sentido, há, também, o desejo que se manifesta no “sonho policial”, aquele relativo à integração, logo, pertencimento a esse universo.

PALAVRAS-CHAVES: Policial Militar. Dominação Masculina. Sonho Policial.



PORNOGRAFIA, PERFORMANCE SEXUAL E SEUS IMPACTOS: UMA DISCUSSÃO ANTROPOLÓGICA SOBRE MULHERES CISGÊNERO

Maiara Ricalde Machado Avanci

Josafá Barros Camargo Borges

Francesco Romizi

O presente trabalho visa compreender, através de um enfoque antropológico, como o uso da pornografia reverbera em mulheres cisgênero. Através de seus relatos de experiências sexuais a partir deste uso, buscar-se-á identificar os impactos do hábito de assistir pornografia naquilo que toca à satisfação sexual, relacionamento, clímax, orgasmo, estereótipos de gênero e prazeres destas mulheres. O mercado pornográfico, em conformidade com as diferentes facetas do desejo sexual humano – como, por exemplo, o voyeurismo, sadismo e outras conjecturas do tipo – possui um número cada vez maior de adeptas(os) espectadoras(es). Este trabalho, portanto, busca entender como o uso destes materiais pornográficos alteram as formas de relacionamento, a performance sexual, a autoestima e a visão de si destas mulheres. Pretendemos, ademais, utilizar de outras categorias analíticas passíveis de articulação para entender a relação destas mulheres com o conteúdo pornográfico como, por exemplo, corporeidade, raça, geração e classe.

PALAVRAS-CHAVES: Pornografia. Mulheres Cisgênero. Performance Sexual.



O CUIDADO A PARTIR DE HOMENS QUE TRABALHAM COM SEXO: REFLEXÕES ANTROPOLÓGICAS EXISTENCIALISTAS

Josafá Barros Camargo Borges

O trabalho sexual exercido por homens no Brasil, em termos teórico-acadêmicos, teve seu primeiro esboço de visibilidade através da dissertação de mestrado de Nestor Perlongher em 1986, intitulada *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. Este trabalho representa um marco das possibilidades de investigações acerca do fazer michê no Brasil e suas devidas contribuições para a área de estudos em gênero e sexualidade dentro da Antropologia Social. Há, contudo, um déficit de produções neste sentido em nível nacional. Poucos são os trabalhos acadêmicos acerca do mercado do sexo realizado por homens no Brasil e suas variadas possibilidades. Mais restritos ainda são trabalhos nacionais que concirnam a esfera da saúde na vida de homens que comercializam o sexo, levando em conta gerenciamento de riscos, vulnerabilidades e suas dinâmicas/negociações em ofício. Tendo em vista essa carência de produções e contribuições científicas que o presente trabalho traz um enfoque sobre o trabalho sexual realizado por homens na discussão acerca do cuidado numa concepção antropológica existencial. Uma das premissas desta nova forma do fazer antropológico é lançar luz e entendimento acerca da pessoa na sua individualidade, entendendo a vida como um complexo devir, em caráter descontínuo. Sua principal diferença com a antropologia mais usual é encontrada na fuga de categorias totalizadoras do social, apagando devires e instantes de ser das pessoas interlocutoras. A intenção é poder estender tais produções para os homens que operam com o sexo tarifado na cidade de Campo Grande – MS e propor uma nova antropologia do indivíduo.

PALAVRAS-CHAVES: Trabalho Sexual. Cuidado. Homens. Sexo Tarifado.



PAVILHÃO LGBTQIA+ E FEIRA CENTRAL: USOS TRANSVIADOS DA CIDADE DURANTE O FESTIVAL CAMPÃO CULTURAL

Daniella Chagas Mesquita

O 2º Festival de arte, cultura, diversidade e cidadania – Campão Cultural, mais conhecido como Festival Campão Cultural, foi uma realização da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, por meio da Secretaria de Estado de Cidadania e Cultura e do Estado de Mato Grosso do Sul. Na extensa programação do Festival, que ocorreu em outubro de 2022, houveram dez atividades explicitamente relacionadas à temática LGBTQIA+, sendo metade destas atividades realizadas no espaço do Armazém Cultural, monumento histórico da cidade de Campo Grande – MS. Neste trabalho, descrevo e analiso modos com que pessoas LGBTQIA+ transitaram pela cidade durante o festival, em especial pela contraposição entre um pavilhão do Armazém Cultural, que foi ocupado por três dias seguidos pela equipe Corrida das Drag; e a Feira Central de Campo Grande, localizada na mesma rua. Para a análise, trago fotografias, descrição das performances artísticas e dos usos do espaço físico, bem como discursos realizados no Armazém Cultural e na Feira Central.

PALAVRAS-CHAVES: LGBTQIA+. Feira Central. Transviados. Festival Campão Cultural.



UMA ANÁLISE TEXTO-DISCURSIVA SOBRE A NÃO-BINARIEDADE E A LINGUAGEM NEUTRA/INCLUSIVA DE GÊNERO: NOS DEBATES PRESENTES NOS JORNAIS DE CIRCULAÇÃO NACIONAL “FOLHA DE SÃO PAULO” E “O GLOBO”

Vinícius Marques Fagundes Queiroz; Miguel Rodrigues de Sousa Neto

O presente trabalho visa mapear aspectos culturais, sociais e científicos das experiências de gênero da população Não-Binária, indivíduos que não se identificam exclusivamente dentro das categorias fixas de gênero (homem e mulher), e sobre o uso da chamada Linguagem Neutra/ Linguagem Inclusiva de gênero’ na história do Brasil contemporâneo. O trabalho foi fundamentado por meio de busca avançada em dois sites jornalísticos de alta circulação, “Folha de São Paulo” e “O Globo”, utilizando-se de dois termos-chave: “Gênero não binário” e “Linguagem Neutra/ Inclusiva de gênero”. O material reunido passou por análise quanti-qualitativa (CRESWELL, 2010), a luz da bibliografia disponível sobre as Pessoas Não-Binárias e os Estudos Gays, Lésbicos e Transgêneros, assim como os Estudos de Gênero. As experiências dissidentes das normas cisheteronormativas têm sido amplamente sufocadas e invisibilizadas, aumentando os números relativos à violência de gênero no Brasil. Há que se considerar que as pautas trazidas pelo movimento LGBTQIAPN+ e as demais pessoas englobadas no movimento pela pluralidade das orientações sexuais e variações de gênero, tem permanecido em um paradoxo de visibilidade/midiatização. Através do levantamento foi construído compreensões destas identidades dissidentes, ou (não)identidades, rompendo com a cultura hegemônica heteronormativas e mantenedora do binarismo de gênero, possibilitando outras identidades, da fluidez e até da contradição.

PALAVRAS-CHAVES: Não-Binaridade. Linguagem Neutra. Gênero.

IX RAMS

**REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA
DE MATO GROSSO DO SUL**



“

**GT 8
PERSPECTIVAS ETNOGRÁFICAS SOBRE O
TRABALHO E SEUS SENTIDOS**

”

Coordenadoras:
Ariela Castelani (UFMS)
Ranielly Silva Leite (UFMS)
Amanda Yumi Miyazato de Souza (UFPR)



A ASSISTÊNCIA SOCIAL AOS MIGRANTES EM CAMPO GRANDE (MS): AGENTES, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES A PARTIR DA ANTROPOLOGIA DE ESTADO

Alessandra Rossi Caceres Mendonça

O tema proposto surge do trabalho realizado na Secretaria Municipal de Assistência Social – SAS, local de vivências com migrantes que chegam para atendimento e recebem os serviços destinados a população. Contudo existem apontamentos observados, como aumento da demanda a ser atendida, diferença cultural, questões econômicas entre outras, todas ocorridas entre o período de 2019 a 2022 sendo o antes, durante e pós pandêmico. Entendo, que para ter essa compreensão vou precisar, delimitar o tema, estudando apenas, como é realizado o trabalho com os migrantes? De que forma eles vêm para o Município de Campo Grande? Se eles permanecem ou não? Existe um preparo dos agentes estatais para receber essas pessoas? Como esses agentes conseguem trabalhar nesse atendimento, de que maneira funciona esses serviços. Para essa resposta, busco descrever quem é o agente estatal que atende esse público, como ele se forma, e se existe parâmetros de atuação para esse trabalho, realizando a etnografia de campo e de arquivo dos registros, aprofundando assim, o conhecimento quanto ao funcionamento do estado, seu trabalho frente a essa nova realidade de trabalho. No final espero ter a compreensão desse estado e seus agentes, espero poder pensar e refletir sobre isso, através de uma observação participante. E em certa medida levar esses questionamentos, sendo ou não sanados para conhecimento desses agentes.

PALAVRAS-CHAVES: Assistência Social. Migrantes. Agente Estatal.



DO INVISÍVEL AO VISÍVEL: O MUNDO DO TRABALHO DA MULHER PANTANEIRA

Beatriz Silva Bogarim; Mara Aline Ribeiro

A antropologia visual em encontro com a antropologia do trabalho, permite dar visibilidade por meio da imagem como arte e cunho político. A fotografia torna visível trabalhos que por vezes são esquecidos, como é o caso das mulheres que limpam e organizam as casas, fazendas e hotéis no Pantanal. O mercado de trabalho constitui uma grande luta e impasse pela visão sistematizada, neste caso, a do homem pantaneiro, aquele que está à frente da mulher em casa, no trabalho e no lazer. O ponto central traz à tona a trajetória de vida de mulheres, entendendo o ser mulher para além da divisão social do trabalho. O olhar antropológico na e com imagens tem como questão: o que auxilia essas mulheres a escolherem seu meio de renda? Tem relação direta com a raça, gênero e idade? Qual a relação da mulher no mercado de trabalho para manutenção do produto pantaneiro? Dessa forma, pensar na fotografia por meio do trabalho realizado por mulheres, compõem uma série de dispositivos capazes de compreender a racionalização do trabalho e suas relações intermitentes de controle de produção e consumo. Para tanto, a proposta tem como objetivo apresentar o protagonismo das mulheres no mercado de trabalho do Pantanal sul mato-grossense, através das narrativas visuais como método, técnica e difusão de informação, a partir do referencial teórico da antropologia.

PALAVRAS-CHAVES: Mulher Pantaneira. Trabalho. Fotografia. Pantanal Sul.



A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO TURISMO EM BONITO-MS

Marcelo Gil da Silva

O turismo em Bonito, Mato Grosso do Sul, também pode ser analisado como um fenômeno social que tem transformado significativamente a região nas últimas décadas. A abordagem antropológica e a metodologia etnográfica são ferramentas fundamentais para a compreensão desse fenômeno complexo. Através da antropologia, é possível analisar as práticas culturais, as relações de poder e as representações simbólicas que permeiam o turismo em Bonito. Ao adotar uma perspectiva antropológica, busca-se compreender o turismo não apenas como um setor econômico, mas como uma construção social que envolve interações entre turistas, a comunidade local e demais atores envolvidos. Essas interações complexas geram significados e impactos sociais que vão além das questões puramente econômicas. Destaca-se a importância de entender as transformações socioeconômicas, as políticas governamentais e as demandas dos turistas que afetaram a construção social do turismo em Bonito ao longo dos anos. A análise antropológica permite observar as mudanças nas práticas culturais, nas relações de poder e nas representações simbólicas decorrentes dessas influências. Essa abordagem revela as transformações sociais decorrentes do turismo e a influência das interações entre turistas, comunidade local e outros atores envolvidos na construção da experiência turística.

PALAVRAS-CHAVES: Turismo. Trabalho. Bonito-Ms.



APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE MESTRADO “DO MATE À MAÇÃ: A EXPLORAÇÃO DO TRABALHO ESCRAVO DOS KAIOWA E GUARANI

Carolina Falcão Motoki; Rosa Sebastiana Colman

Olhar para o trabalho escravo contemporâneo possibilita compreender como o Brasil se constitui a partir da usurpação de territórios e da exploração de sua gente. No Mato Grosso do Sul, situamos um caso exemplar: a desterritorialização dos kaiowa e guarani foi executada com a exploração de seu próprio trabalho. A partir do século XX, o agronegócio os escravizou em diversas atividades, com características comuns: endividamento, trabalho por produção, doenças ocupacionais, exaustão e mortes precoces. Apesar disso, mantêm-se etnicamente vivos, contrariando os resultados esperados pela política de assimilação empreendida pelo Estado brasileiro. Se a questão não pode ser tratada na chave de uma oposição entre uma cultura “moderna” que se impõe sobre uma “tradicional, não se pode negar o impacto nas comunidades e nas relações. A presente pesquisa de mestrado (PPGANT/UFGD) tem por objetivo realizar uma etnografia dessa exploração, com ênfase nas condições de trabalho escravo, e pretende responder à seguinte questão: De que maneira a inserção no mercado de trabalho, ainda mais em situações de extrema exploração, dos kaiowa e guarani se relaciona com ou impacta a organização social desses povos? Apresentam-se como objetivos do projeto: analisar a relação entre as múltiplas violências vivenciadas pelos kaiowa e guarani e a exploração do trabalho, assim como as negociações implicadas, com base na sua penetração no cotidiano; compreender, buscando um ponto de vista nativo, o sentido do trabalho fora (a *changa*), as diferentes concepções de trabalho dentro das *tekoha*, a liderança do *cabeçante*, as alianças de patronato (*che patron*), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVES: Trabalho Escravo. Guarani. Kaiowa.



UMA ETNOGRAFIA SOBRE O USO DE MÍDIAS DIGITAIS NO CONTEXTO ESCOLAR

Léia Rodrigues da Silva Queiroz; Carlos Eduardo Henning

O uso das tecnologias no ambiente educacional é uma temática que tem despertado o interesse de vários pesquisadores, a educação tem passado por transformações ao longo tempo, principalmente com a pandemia de COVID19. Esse acontecimento exigiu dos professores métodos de ensino que integram o uso das tecnologias em suas práticas cotidianas. Esta pesquisa é parte integrante da conclusão de mestrado em Antropologia Social, na Faculdade de Ciências Sociais do PPGAS/UFG, orientada pelo professor doutor Carlos Eduardo Henning, pertencendo o seu projeto guarda-chuva “*Por uma Antropologia do Curso da Vida e das Gerações*”. Objetiva analisar antropológicamente as narrativas de professores/as a respeito dos impactos dos usos de Tecnologias da Informação e Comunicação e das mídias digitais no contexto escolar em uma escola da rede municipal de ensino nas modalidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental I em Porangatu-GO. A metodologia utilizada será revisão bibliográfica, observação participante, entrevistas semiestruturadas, confecção de cadernos de campo, pesquisa qualitativa, questionários direcionados a professores. Entre os principais referenciais teóricos estão: Malinowski (1978), e seu método da etnografia, descrição densa por Clifford Geertz (2008), Guita Debert (1999), reflexões Intergeracionais, Pierry Levy (1998), análises sobre ciberespaço, Carolina Parreiras (2011), investigações sobre dispositivos tecnológicos e do digital. Adriana Friedman que defende que atores sociais recriam a sociedade. A educação brasileira é um cenário produtivo de pesquisas antropológicas, segundo Juliane Bazzo (2020), afirmando que a educação vem pluralizando seus temas de pesquisa nos últimos anos, se dedicado, em imersões no cotidiano das instituições de ensino, fitando etnograficamente o fazer educacional.

PALAVRAS-CHAVES: Ensino. Mídias Digitais. Tecnologia. Professores.



PRECARIZAÇÃO ESTRUTURAL DOCENTE NO ENSINO INTEGRAL

Maria do Carmo Carneiro Rossatti

O presente trabalho tem por objetivo analisar, perante as perspectivas dos professores contratados, sua permanência integral na estrutura escolar. De acordo com as metas propostas pelo Plano Nacional de Educação (PNE), pretende-se implementar o ensino integral em no mínimo 50% das escolas públicas, mais adiante mostra-se o plano de aumentar o investimento público em educação em no mínimo de 7% do produto interno bruto (PIB). O PNE é um sistema pensado para avanço educacional brasileiro, tendo como principal objetivo o aumento da oferta, permanência e qualidade. No ano de 2019 foi aprovado no Mato Grosso do Sul a lei complementar Nº 226, de 11 de julho de 2019 que desequipara o salário do servidor concursado e contratado. Nesse sentido, o artigo analisará as condições dos trabalhadores docentes da rede pública do estado, mais especificamente na E.E. Profª Élia França Cardoso, no bairro Jardim São Conrado, partindo do pressuposto que existe uma precariedade nas condições tanto estruturais dos recintos escolares, quanto do salário não equiparado dos docentes. Para tanto, o trabalho será realizado mediante a observação do familiar (VELHO, 1977). Colocando em prática a capacidade científica de observar o que está próximo de maneira distante, levantando novos questionamentos e estranhamentos, mesmo fazendo parte do meio.

PALAVRAS-CHAVES: Professores Contratados. PNE. Ensino Integral.



AS PRÁTICAS DE REGULAÇÃO DO ESTADO E A CIRCULAÇÃO DE COMERCIANTES E TRABALHADORES NA FRONTEIRA PARAGUAI-BRASIL

Pâmella Rani Epifânio Soares

A proposta deste trabalho é apresentar as práticas de regulação do Estado na fronteira entre Paraguai e Brasil, a partir do comércio popular na linha de divisa entre as cidades-gêmeas de Pedro Juan Caballero (PY) e Ponta Porã (BR). A fronteira, como espaço vivido, é o local onde circulam diferentes agentes sociais e políticos, regionais, nacionais e internacionais, é concebida e produzida pelas instituições públicas e os agentes públicos que ali atuam; pela população das sociedades nacionais e dos imigrantes estrangeiros; pelos turistas; pela mídia; pelo comércio e seus trabalhadores; entre outros. A vida no comércio da fronteira tem diferentes possibilidades que indicam o movimento de um lado e outro da linha, estabelecendo um emaranhado de experiências que podem envolver diferentes improvisações nas circulações dos trabalhadores populares, camelôs e *casilleros* ao longo de seus trajetos de vendas. O movimento de pessoas que cruzam a linha de fronteira demonstra que os caminhos da vida são continuamente elaborados, como afirma Tim Ingold (2005), no tempo, de trilhas de ação e percepção. Com base em entrevistas com comerciantes e trabalhadores das cidades-gêmeas, propõe-se exercitar uma reflexão sobre como as pessoas podem subverter a ideia de um ordenamento único e universal do Estado.

PALAVRAS-CHAVES: Fronteira. Circulação. Regulação Estatal. Comerciantes



O MUNDO DO TRABALHO DE MANICURES EM CAMPO GRANDE/MS

Brenda Agnes Domingues Vegini; Mara Aline Ribeiro

Ao discutir temas relacionados à estética e à saúde corporal, as manicures despontam como uma das profissionais mais requisitadas no mundo do trabalho. Consequentemente, é determinante expor as condições do trabalho de quem atua em salões de beleza ou por conta própria e as práticas cotidianas essenciais para a compreensão do que constitui a profissão de manicure, o papel social e as singularidades que vão além do ato de fazer as unhas. Apesar disso, esta é uma pesquisa em andamento, portanto, ainda sem respostas conclusivas. Diante do exposto, o objetivo desse estudo é analisar o trabalho de manicures em Campo Grande/MS a partir das relações sociais que permeiam a vida pessoal e o trabalho de mulheres que sobrevivem exercendo o cuidado e o embelezamento de unhas. Por meio de análise qualitativa, pesquisas bibliográficas, levantamento em dados governamentais, na legislação brasileira e entrevistas semiestruturadas com as profissionais da área, o estudo aproxima teoricamente dos conceitos sociológicos, políticos e antropológicos das particularidades expostas pelas interlocutoras, demonstrando como o ofício é exercido, suas funcionalidades e características dentro de um processo de compra e venda de prestação de serviços que, em um universo capitalista, se transforma e reinventa a todo instante.

PALAVRAS-CHAVES: Manicures. Trabalho. Cuidado.



UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOB O TRABALHO: PRECARIZAÇÃO E Covid-19

Vitor Diego Gonçalves Forti

O trabalho produzido tem por objetivo incitar uma análise ao mundo do trabalho dentro de um panorama pandêmico, para sua construção foram feitas duas entrevistas na intenção de obter duas perspectivas de como a pandemia da Covid-19 afetou dois setores diferentes do trabalho, sendo um o trabalho já realizado de forma home office e outro no qual mesmo com a pandemia da Covid-19 não foi dada a opção de se estabelecer tal formato de trabalho. Durante o desenvolvimento da pesquisa serão abordadas críticas ao sistema capitalista que transformou o trabalho e o estruturou no modo como conhecemos hoje, é, portanto, um meio de observarmos atentamente algo presente no desenvolver de uma sociedade, mas que passa despercebido ao senso comum a forma como se transformou ao longo dos anos. Levantar a pauta da precarização do trabalho em tempos atuais é também um convite a refletir o quanto vivemos ou contribuímos para tal prática. De relevância imensurável o debate sobre o trabalho contemporâneo se faz presente visto que sua transformação ainda é constante e cada vez mais próxima de nossas realidades.

PALAVRAS-CHAVES: Pandemia. Covid-19. Trabalho. Precarização.